

# OKRUMAH – O PAN-AFRICANO



Patrice Lumumba (Congo) e Kwame Nkrumah (Gana)



Francis Kwame Nkrumah

## LEGEND OF KWAME NKRUMAH

J. Benibengor Blay

Tradução: José Luiz Pereira da Costa

## DO TRADUTOR

A África é um paradoxo que ilustra e evidencia o neo-colonialismo. Seu solo é rico, embora os produtos que dele saem, tanto de baixo quanto de cima, continuam a enriquecer, não aos africanos, predominantemente, mas aos grupos e indivíduos que manobram para o empobrecimento continente. (Kwame Nkrumah, 1965, in *Neo-Colonialism*, capítulo 1)

Em 1964, a revista norte-americana *Ebony*, sob o título “A Revolução Industrial de Gana”, oferecia um levantamento das portentosas obras que a administração de Kwame Nkrumah conduzia. Era a primeira vez, segundo me lembro, que ouvia falar daquele país.

Logo adiante, em 1967, procurei aproximar o embaixador de Gana, no Brasil, Yaw Banful Turkson, do presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, deputado Carlos Santos.

Nkrumah já havia morrido. Deixara, entretanto, no embaixador, um modo de pensar que se embasava numa filosofia batizada, então, como *nkrumahnismo*.

Nos anos seguintes, fiz amizade com várias diplomatas africanos, e, em todos, havia um traço comum: reverência ao ganense Nkrumah.

Ouvi histórias boas e más do homem e sua obra.

O tempo começa a expungir os preconceitos e as incompreensões.

O *World Almanac and Book of Facts* de 1996, elabora a seguinte lista de líderes mundiais: Imre Nagy<sup>1</sup>; Gamal Abdel Nasser<sup>2</sup>; Jawaharlal Nehru<sup>3</sup>; Kwame Nkrumah; Frederick

---

<sup>1</sup> - (1896-1958) da Hungria, primeiro-ministro comunista, assassinado 1956.

<sup>2</sup> (1918-70) do Egito, segundo presidente do país e líder da unidade árabe;

North<sup>4</sup>; Daniel O'Connell<sup>5</sup>; Omar<sup>6</sup>.

A revista *Veja* (dezembro de 1998), traduzindo matéria da revista *Life*, lista os seguintes nomes, como destaques da raça negra, deste milênio: Fredrick Douglass<sup>7</sup>, Kwame Nkrumah, Nelson Mandela e Martin Luther King Jr.

O livro trazido a seguir fala das coisas boas, e desdenha, como infundadas, as ruins. O tempo parece dar suporte ao autor.

Cheguei pela primeira vez em Gana, e era janeiro de 1976, após haver estado no Senegal, em novembro de 1974, como integrante da equipe brasileira que participou da Feira Internacional de Dakar. E cheguei atrasado na antiga Costa do Ouro. Não conheci, no auge, a obra de Nkrumah, e já havia sido enterrado ali S não no solo vermelho da Geórgia S na terra de seus antepassados, William Edward Burghardt Du Bois, um ilustre pensador negro americano que trocou a cidadania norte-americana, de seu nascimento, pela de ganense.

Fiquei quinze dias em Dakar, conhecendo uma África verdadeiramente ocidental. Tinha até os odores, em muitos de seus recantos, da França. Um banco S um porteiro africano, um gerente francês. Uma loja fina, madames francesas, clientes africanas, de uma tímida classe média emergente, vestidas à moda europeia. O mercado e o supermercado: carnes às moscas, ou balcões frigoríficos. A onipresença francesa onde era importante, eis um fato por demais óbvio. No futuro imediato, uns dois anos adiante, fiz vôos pela *Air Afrique*, uma espécie de linha nacional dos países outrora colônias francesas. Era como ser transportado pelas tripulações da *Air France*.

Voltei, novamente, à África, e o destino era Gana. A Feira Internacional de Acra.

<sup>3</sup> (1889-1964), da Índia, primeiro ministro, guiou seu país nos anos iniciais da independência;

<sup>4</sup> (1732-92) da Inglaterra, primeiro ministro que por sua inépcia conduziu o império britânico a perder suas colônias na América;

<sup>5</sup> (1775-1847) da Irlanda, líder político conhecido como O Libertador;

<sup>6</sup> (581-644) líder muçulmano, do segundo califado, conduziu o islame a ser tornar uma potência imperial.

Quando o moderno avião à reação começou a aproximar-se da terra, rumo ao pouso no aeroporto de Kotoca, sobrevoou uma moderna auto-estrada, margeada por uma linha férrea. Viria a saber, adiante, que aquela era a ligação entre a capital e o complexo portuário construído, no pós-independência, na antiga vila de pescadores Tema. O aeroporto era de grande porte, em arquitetura moderna, também erguido pelo Estado soberano. E o avião, desde Dakar, para meu autêntico espanto de brasileiro, era co-tripulado por um negro.

A Feira havia trazido uma multidão que lotara todos os hotéis de Acra. Impossibilitado de ficar na capital, conheci, no primeiro dia, a auto-estrada, no caminho para Tema, onde havia o Hotel Meridian (da rede estatal de hotéis), construído sobre o meridiano que passa naquela cidade. Com pouco mais de dez anos de vida, mostrava sinais graves de falta de gerenciamento e manutenção.

Ao longo do período de quase duas semanas entre Acra e Tema, ao contrário de Dakar, tive a envolvente percepção de que estava naquilo que eu construía mentalmente como África. Fui a bancos em busca de cheques de viagem que, naquele tempo, o governo brasileiro obrigava os viajantes remetessem para o local de seu destino, via bancária, e lá encontrei do porteiro ao gerente, todos africanos. Freqüentei um rosário de restaurantes e os garçons, gerentes e cozinheiros, todos negros. É verdade que a falta de batatas fritas era sanada, compulsoriamente, com o nativo inhame. As lojas, em quiosques ou prédios com vitrines, eram atendidas por mulheres negras que se vestiam enroladas em multicoloridos panos nativos. Com exceção dos homens, vestidos de terno e gravata, as mulheres-executivas, diferentemente de Dakar, na unanimidade, usavam roupas nativas. Nos ambientes, aquele rasto de *channel*, de Dakar (e depois eu o encontraria, também, na sofisticada Abidjan), era substituído pelo odor natural dos seres humanos que se expõem ao calor e transpiram.

O próspero e orgulhoso Estado, modelo da África, primeiro a soltar suas amarras do colonialismo, estava nas mãos de seus nacionais. A auto-estrada, as estradas asfaltadas, as

---

<sup>7</sup> - Ex-escravo americano, ativista abolicionista, diplomata e autor de suas biografias.

ferrovias, os edifícios imponentes dos bancos nacionais, os hospitais, universidades, escolas técnicas, hotéis, conjuntos habitacionais, nas capitais do país, Acra, e de Achantí, Kumasi, a luz elétrica gerada na portentosa barragem de Akosombo, sendo levada a lugares que não sonhavam com eletricidade, como Bolgatanga, ou a países vizinhos como o então Alto Volta. Complexos industriais para o processamento da alumina local, fábricas de vidro-plano, pneumáticos, cervejas, cigarros, perfumarias, enfim. Mas um bordão era perturbador: falta matéria prima! Sem divisas em seu tesouro, as importações eram um problema para as fábricas, os hotéis, hospitais etc. E, ainda trovejando, como um grande tambor moderno, via-se o complexo de torres de transmissão da rádio nacional, com potência que cobria em suas ondas toda a África. Fora, um dia, o arauto emulador da independência de outros países do continente. Agora, era o alvo número um dos candidatos a ditador, oriundos das forças armadas que ele criara.

Nkrumah foi deposto em 1966.

Seguiu-se uma seqüência de golpes de Estado.

Quando cheguei, passados dez anos, era o homem forte um coronel de nome Ignatius Kutu Acheampong. Foi fuzilado adiante, noutro golpe. Podia-se ver, e eu vi, as obras fantásticas do pan-africanista. Mas, via-as, muitas delas, em processo acelerado de deterioração. O Hotel Meridian era um exemplo. As comportas do porto de Tema e a gare aeroportuária eram outro.

O livro traduzido adiante apresenta a imagem pintada por um admirador de Nkrumah, o homem e sua obra. Por mais parcial que possa ser, os fatos que servem de base à narrativa são eloqüentes. Nkrumah foi um líder de porte mundial, e os historiadores, cada vez de forma mais convicta, isto ratificam.

***José Luiz Pereira da Costa***

## PRÉFÁCIO

Este parece-me o mais difícil encargo que jamais assumi, pois a história de Kwame Nkrumah é como um imenso oceano, cujas águas não são facilmente conquistadas ou atravessadas.

Todavia, a pesquisa que se fez necessária para o propósito deste livro tem sido a mais gratificante. O capítulo primeiro é essencialmente um sumário de minha obra *Primeiros anos de Kwame Nkrumah*, que foi escrita para uso dos alunos do 5º ano das escolas primárias, como leitura complementar . Este trabalho foi provisoriamente aceito pelo departamento de cursos e currículos do Ministério da Educação, em Saltpond<sup>8</sup>, e o livro, que estava sendo editado pela *Macmillan Limited de Londres*, atingiu o estágio de prova ao tempo do golpe de 1966, após o que foi abandonado.

Os capítulos segundo e quarto foram feitos segundo notas que fiz sobre o nascimento e desenvolvimento do C.P.P<sup>9</sup>. (Partido da Assembléia dos Povos) e, de Gana, uma autobiografia. O capítulo oitavo foi respigado de um discurso, preparado por mim para o Comitê da Região Oeste do C.P.P., num seminário realizado em 1964. O capítulo dez registra alguns dos tributo oriundos de muitas partes do mundo, por motivo da morte dessa grande e lendária figura de nossos tempos.

---

<sup>8</sup> - Cidade costeira em Gana.

<sup>9</sup> - Congress Peoples Party.

Eu devo também expressar minha gratidão ao grande auxílio e inspiração, vindo do trabalho de outros autores, para o atingir do meu objetivo. Nem sempre concordei com suas conclusões.

Por isto, o que se contém neste livro deve ser creditado ao meu modo de ver as coisas, de tal forma que ninguém mais pode ser responsabilizado pelo conteúdo deste ensaio.

Entretanto, este livro jamais poderia ter sido escrito não fosse o amplo e generoso auxílio, não apenas do material publicado disponível, mas também e muito especialmente a amigos e colaboradores, que estimularam meu prolongado esforço de produzir este estudo.

Ao Dr. Eric Glasgow, M.A., Ph.D., um mestre inglês, residente na Inglaterra, devo e expresso meus sinceros agradecimentos, não apenas pelo estímulo, apoiando-me com muitas e valiosas sugestões e críticas do manuscrito em desenvolvimento, mas, também, pela redação da Introdução, que acompanha este livro.

É de se desejar que o generoso auxílio de todas essas pessoas ajudará o anseio desta obra, que é o de ser lido e que circule, talvez, fora dos limites da África.

**J. Benibengor Blay**

Accra, Ghana

11 de janeiro de 1973

# INTRODUÇÃO

Seja qual for nosso julgamento da vida e obra de Kwame Nkrumah é impossível, bem como recomendável, que não se ignore o papel que desempenhou de agente maior da luta da Costa do Ouro<sup>10</sup> pela sua independência, bem como de arquiteto de muitas das conquistas da moderna Gana. Muito, todavia, do que tem sido escrito ou pensado sobre si tem sido limitado por preconceito, paixão, ou pela simples distância cultural ou geográfica. Muito do material escrito, disponível sobre Nkrumah é detalhista, técnico e complicado, para o uso e desfrute popular. Assim, é com muito prazer e deleite que leio este novo e breve estudo a respeito de Nkrumah, saído da pena e da reflexão de um inteligente literata, nativo de Gana, que corretamente reconhece Nkrumah como parte já agora indelével da herança de sua terra rica e exuberante.

Se existe algo de heroísmo na narrativa, isto pode ser bem compreendido e aceito: afinal, patriotismo deve ser não menos válido, e não menos benéfico e criativo, tanto no oeste Africano quanto em meio aos floridos pomares ou verdejantes colinas de minha nativa Inglaterra. Este livro é, eloqüente e marcadamente africano, quanto aos seus cultos, misticismo e cultura tribal. Mas, seguramente, não teria conseguido mostrar-nos o pleno sentido de Nkrumah não fora assim.

Suas páginas estão prenhes do trabalho desse extraordinário homem que tanto fez pelo bem-estar e identidade de Gana, mesmo quando suas fraquezas se tornam aparentes:

---

<sup>10</sup> Nome da ex-colônia britânica, atual República de Gana, situada na costa oeste da África.



sua adoração pelas massas; seu egoísmo e sua gradual e crescente busca do poder. De outro lado, pode ser argüido que Nkrumah (assim como Cromwell na história Inglesa) não poderia jamais ter impulsionado Gana até sua necessária maturidade e independência, sem o tratamento um tanto cruel e desdenhoso que dava a seus oponentes, muitos dos quais como esta narrativa mostra foram facciosos, quanto egoístas. Uma das lições que se pode recolher deste livro é a que prova não ser possível a transposição, pura e simples, do modelo britânico de democracia, sem que sejam feitas alterações.

Mas não é de todo lamentável a descoberta de que eles não chegaram à perfeição, como um sistema de governo, pois na operação prática do sistema há o envolvimento de condições tribais e culturais, específicas da África do oeste.

Aqui não é, seguramente, o lugar para se tentar uma definição das fraquezas ou forças de Kwame Nkrumah. Nem se pode esperar tanto deste pequeno livro. Mas tem-se aqui uma boa introdução ao pensamento e mensagem de Nkrumah, apresentada vívida e muito bem por um de seus compatriotas, e não perde em nada seu valor por trabalhar com firmeza sobre o contexto de todas as ideias nativas e características nacionais de Gana. Aqui se pode ler, com certos detalhe, seu sonho e esforço de jovem; seus estudos e sua atividade política nos Estados Unidos da América e no Reino Unido, seu oportuno retorno a Gana para comandar a luta pela independência, seus momentos de triunfo pessoal e político em 1951-1956, e, finalmente, as dificuldades para conseguir um caminho seguro num país de grandes e divisíveis abismos, como emergiram em meio à repentina

responsabilidade de maturidade política, após séculos de tutela colonial.

Sem dúvida, este livro terá um grande apelo e influência, em meio aos leitores africanos. Mas será, especialmente, interessante eis que poderá atingir, talvez, com maior intensidade o leitor que se encontra fixado na distante Inglaterra, na qual a juventude foi gasta (assim como o próprio Nkrumah) sob as regras de um treinamento político na Escola de Economia de Londres. De repente, como que se estabelecendo uma ligação, os oceanos parecem perder suas barreiras e Inglaterra e Gana deixam de estar, tanto separadas, ou mesmo injustificadamente diferentes.

**Eric Glasgow, M. A., Ph.D.**

## I. NASCIMENTO € PRIMEIROS ANOS

Decorria já bastante tempo do casamento e a senhora Nyanibah não conseguia dar a seu marido, Miezah Nkrumah, um filho. Assim, quando solicitou que um escultor criasse uma boneca em madeira pretendia mais do que um brinquedo; desejava que a sorte viesse com a escultura sob a forma de um filho.

Passado algum tempo ela pode revelar, então, a seu marido que a boneca lhe havia trazido sorte: estava grávida.

Neste tempo Miezah Nkrumah, um popular ourives, mudou-se de Atuabo para Half Assini, onde a exploração da madeira estava assegurando prosperidade ao lugar. Já sua mulher, Nyanibah, como se aproximava a época do nascimento, seguiu para Nkroful, sua cidade natal, onde deveria nascer a criança<sup>11</sup>. Porém, tanto o nono quanto o décimo mês passaram sem que houvesse sinal de que a criança iria nascer.

Por coincidência, decorria o décimo primeiro mês quando Meizah Nkrumah também chegou a Nkroful, a fim de participar de cerimônia fúnebre familiar<sup>12</sup>. Foi informando, então, de que sua mulher estava em trabalho de parto.

---

<sup>11</sup> O costume impele os nativos a fazer nascer seus filhos, sempre que possível, no local onde os pais nasceram ou se criaram.

<sup>12</sup> - A cerimônia fúnebre não corresponde, necessariamente, ao enterro. O mais comum é a realização, algum tempo depois, de atos fúnebres que se efetivam ou na casa dos parentes do morto ou na igreja. Pode ser um encontro anual, ou de outra periodicidade, para honrar um morto. É sempre festivo, com música, comida e bebida.

Faziam-se, naturalmente, muita especulação sobre a criança por nascer: seria menino ou menina? Uma anciã, entretanto, não apenas assegurou que seria um homem, mas acrescentou:

"Quando uma criança permanece no ventre por 11 meses, é certo que será um menino S um homem sábio está por chegar à família" .

Os participantes do funeral esperaram longamente por novidades, mas nada ouviam. Passaram a se inquietar. O tempo escorria lento, enquanto se desenvolvia a cerimônia fúnebre. Resolveram, assim, enviar um médico-nativo para saber o que ocorria. Foram, então, informados de que a senhora continuava em trabalho de parto. O médico, em tom de brincadeira, acrescentou: "Tudo está bem: a criança será um Grande Chefe e nós todos devemos ter em conta que um chefe não deve ser incomodado!"

Não muito tempo após isto a criança nasceu, e as notícias se espalharam: é um manino. A alegria, entretanto, durou pouco.

O menino recém nascido não chorava nem esperneava. A parteira e a assistente tentaram toda sorte de expedientes que conheciam porém a criança mantinha-se quieta. O pai, que recém chegara à casa, sabedor dos fatos, dirigiu-se aos fundos e, apanhando uma arma de caça, fez três disparos para o ar. Com isto a criança deu sinal de vida: iniciou o choro.

Fez-se, então, grande júbilo, apesar do funeral, por toda a cidade de Nkroful. Os velhos da cidade ainda recordam a canção de ninar que Nyanibah costumava cantar, enquanto embalava o menino Kwame em seus braços:

*" Quieto meu querido nenê*

*Esteja salvo nos braços de mamãe;*

*Você foi moroso para chegar*

*Porque, dizem, será um chefe;*

*Paz, meu real nenê;*

*Durma e cresça em paz."*

A apresentação do nenê coincidiu com a cerimônia de nomiação. Recebeu o nome de Nwia Kofi<sup>13</sup>. O mais idoso que parainfou a cerimônia disse ao fim: " Nwia Kofi, você recebe este nome secundando pessoa proeminente de nossa família. Que possa você crescer portando seu caráter. Possa você crescer com o dom da sabedoria, da palavra e da coragem. Que possa crescer e tornar-se um motivo de orgulho para seu povo".

Nwia Kofi ficou com sua mãe em Nkroful até que ela tivesse condições de caminhar. Partiram, então, ao encontro do pai que estava em Half Assini<sup>14</sup>. Quando os meio-irmãos de Nwia Kofi souberam da novidade, iniciaram a construção de um carro-berço, com o qual poderiam transportar o pequeno irmão, pela estrada da praia, transitável quando da maré baixa, até Half Assini.

---

<sup>13</sup> - Pela narrativa deste livro Nkrumah nasceu, mesmo, num sábado. Havia, inclusive, um funeral nesse dia. Porém, foi-lhe dado o nome de Kofi, dos nascidos nas sextas-feiras, possivelmente em homenagem a algum parente. Na política nacionalista que o iria consagrar, alterou o nome Francis, por ser nome europeu e, Kofi, pela incorreção, quem sabe, ou por "marketing", pois Kofi, na tradição akã, se liga com "menino-mau" (Em twi, *Kofi-baboni*).

<sup>14</sup> - Pequena comunidade costeira.

Foi um belo espetáculo a jornada e sua chegada à barca de Domuni. Os meio-irmãos tomaram a criança dos braços da mãe e colocaram-na no carro que haviam construído, manejando seu caminho por quase vinte quilômetros, percurso em que o passageiro abanava para tudo e para todos.

Nwia Kofi cresceu num ambiente feliz, tendo muitos amigos na vizinhança. Nos jogos, atuava sempre como um líder. Mesmo se parecendo com os seus meio-irmãos, era deles diferentes em algumas coisas. Se desejava conseguir algo da mãe, era determinado e obstinado, não importando a resistência encontrada, apenas deixando de reclamar quando conseguisse o desejado, ou face a resistência do pai.

Foi por esta época que apareceu, em Nzemaland, o profeta chamado Wade Harris, originário da Libéria. Ele parecia possuir grande força divina, e era famoso por exorcizar feitiços e destruir ídolos. Quando ele visitou o lugar onde viviam os Nkrumah viu a escultura que fora feita tempos atrás e que teria dado sorte para Miezah ganhar seu filho. Determinou fosse jogada fora a escultura ao que o jovem Nwia Kofi protestou, assegurando não se tratar de um ídolo. A senhora Nkrumah atendeu à determinação do profeta. O jovem não se deu por satisfeito enquanto o pai retornou à casa, queixou-se, argumentando que, assim, não iria ter outros irmãos.

Em princípio a profecia não foi levada muito a sério. Porém, com o passar dos anos, veio a confirmar-se amplamente. Quando tinha cinco anos de idade, Nwia Kofi foi matriculado na escola Católica Romana e, então, confirmou-se o nome do pai; mais tarde, ao receber o sacramento do batismo deram-lhe o nome cristão de Francis e tornou-se

conhecido, então, como Francis Nwia Kofi Nkrumah.

Francis Nkrumah não se adotou perfeitamente ao colégio. Voltando para casa teve dificuldade em explicar que não tomara parte nas lições. Um dia, retornando da aula, foi interpelado por sua mãe, que o queria obrigar a voltar à classe. Foi enfático ao afirmar que um estudante não se faz em um dia e que ele gostaria de seguir sozinho seu caminho. Com o passar do tempo foi aumentando seu interesse e, mesmo, costumava ficar além do tempo no colégio, quando sentia que não tivera condições de acompanhar seus colegas.

Como Francis crescia e não havia sinal algum de que outro filho nasceria, Nyanibah tornou-se uma mulher infeliz. Embora a persuasão de amigas, ela deixou Half Assini para obter, em Nkroful, o divórcio. Francis, ela pensava, sentir-se-ia bem com seu pai e meio-irmãos e, nas férias escolares, poderia visitá-los.

Enquanto o marido foi bastante inábil em tentar alterar a vontade da mulher, o jovem Francis agiu por seus meios. Garantiu que sua mãe voltaria e que iria esquecer tudo. Afirmou adiante que "iria para um lugar de onde ninguém volta" e, dias após foi atacado por violenta dor de estômago. A doença evoluiu e todos os recursos médicos foram baldados.

Quando as notícias chegaram a Nkroful, a mãe correu em socorro ao filho. Fez, mesmo, sem avisar aos demais membros de sua família que, naquele momento, se encontravam no campo, trabalhando a terra. O impacto da notícia abalou-a de tal forma que partiu, esquecendo, mesmo, as coisas de higiene pessoal.

Ao chegar em Half Assina encontrou Francis em má condição de saúde. Apesar de tão doente, recusou-se fazer qualquer coisa, antes que houvesse uma reconciliação entre

seus pais. A paz foi feita e Francis se disse melhor, tanto que solicitou algo para comer. Ao passar de poucos dias, para surpresa de todos, ele já estava pronto para retornar à escola.

Um de seus brinquedos favoritos, ao tempo de escola, era apanhar caracóis, obtidos com facilidade quando era maré vazia. Sua mãe costumava brincar com ele, admirando sua bravura na obtenção dos frutos do mar.

Em 1925, Francis Nkrumah chegou aos sete anos de educação e, face à sua performance e antecedentes, foi indicado como aluno-mestre na escola Católica Romana. Em 1927, ingressou na Escola Governamental de Treinamento, em Aca. Tempos depois, todos os estudantes dessa escola foram transferidos para o Colégio Achimota<sup>15</sup>, a fim de completar seu treinamento. Quando em Achimota, conheceu o Dr. James Emman Kwegyir Aggrey<sup>16</sup>, um grande mestre ganense, popularmente conhecido como "Aggrey da África", que era o assistente vice-reitor do Colégio. Francis Nkrumah ficou grandemente impressionado com a figura do mestre e, também, pelo respeito que os demais colegas lhe devotavam, a tal ponto que, reiteradas vezes, manifestou a seus colegas o desejo de um dia ser como Dr. Aggrey.

Um certo dia, como um raio em céu azul, todos ouviram a notícia de que o Dr. Aggrey havia falecido, num feriado, na América. Os estudantes da Achimota, em memória do que ele havia feito em favor da África, e considerando sua grande contribuição e

---

<sup>15</sup> - Achimota aparecerá inúmeras vezes no texto. Trata-se de uma escola técnica de grau médio, do tempo da Costa do Ouro, e que formou gerações e gerações de jovens, que ansiaram sempre pela independência de Gana.

<sup>16</sup> - Imortalizado pela fábula da Águia e a Galinha, que se tornaria um símbolo da luta pela independência africana.



liderança, formaram o *Circulo de Estudantes Aggrey*, ao qual Francis passou a integrar. Agora ele estava decidido a dar vigoroso impulso aos seus estudos, de tal forma que pudesse, um dia, tornar-se, também, outro grande filho da África. Em verdade, ele procurou imitar algumas das coisas que Aggrey havia feito e dito e aprendeu a discursar como o antigo mestre o fazia. Isto causou surpresa aos outros estudantes, que puderam sentir o empenho de alguém que buscava se tornar um grande orador.

Quando em Achimota, mesmo durante as férias, costumava por lá ficar, trabalhando na granja da escola. Ele foi, também, um bom desportista, tendo conseguido muitos troféus, como fundista, para a *Livingstone House* Quando ele deixou Achimota, passou a lecionar na escola Católica de Axim e no Seminário de Santa Teresa, em Amissano. Na velha estação ele foi visitado por um de seus antigos camaradas de Half Assini, que ao partir exortou-o com as seguintes palavras: "Não brinque com seus livros. Educação é como um pesado saco de dinheiro; se retirar constantemente, sem nada repor, ele ficará vazio" .

Foi durante os dias que passou em Amissano, que soube que sua aplicação para estudar nos Estados Unidos, haviam chegado a bom termo. Assim, no caminho de Nkroful e Half Assini, para onde seguiu a fim de despedir-se de familiares, que se encontrou com Jonathan, um velho amigo, com o qual discutiu os objetivos de sua viagem. Disse, Nkrumah: "Tomei a decisão de partir para o exterior, a fim de ampliar meus conhecimentos. Qual o tipo de conselho que você me dá?"

- Direito, acho melhor S respondeu o amigo. E acrescentou: SE existem poucos

advogados em Nzema, você sabe.

S Eu gostaria de estudar política. S Contrapôs Francis Nkrumah.

S Política é perigosa. Lembre-se quanto sofreram homens como Casely Hayfod, Bannerman, John Mensah Sarbah. e outros.

S Eu sei! S Arrematou Nkrumah.

S Na política há o perigo de prisões e, mesmo, morte! S Advertiu o amigo.

S Eu sei, mas estou decidido!

S Então, ajoelhem-nos e rezemos, disse amigo. E ambos rezaram.

Poucos meses após este encontro, Francis Nwia Kofi Nkrumah partiu para o Reino Unido com destino aos Estados Unidos da América. O jovem mestre iniciava seu caminho, seguindo os passos do grande "Aggrey da África" .

## 2 EM BUSCA DE LAURÉIS DE UMA ESTRATÉGIA POLÍTICA

Corria o ano de 1935, quando o jovem Francis Nkrumah deixou a Costa do Ouro com destino aos Estados Unidos, em busca do velocino de ouro<sup>17</sup>. Porém, de qualquer forma, seus dez anos da América foram em nada róseos.

Lá chegou com apenas quarenta cedis<sup>18</sup> em seu bolso, mas conseguiu encontrar um reitor relutante, porém de bom coração, que aceitou admiti-lo com base em sua promessa de trabalho duro e concluir o seu curso. Assim, viu-se na condição executar tarefas díspares como assistente da biblioteca, porteiro, garção em navios, tudo para sustentar-se e suplementar à modesta bolsa de-estudos, bem como conseguir vencer suas crises financeiras na Universidade de Lincoln.

Pela força do trabalho pesado, graduou-se, em 1939, bacharel em artes, com destaque em Economia e Sociologia, sendo que no livro da turma daquele ano é apontado como um dos mais destacados alunos, tendo merecido, por tal, uma medalha de ouro.

Enquanto estudava em Lincoln garantiu o ingresso no Seminário de Teologia, ao mesmo tempo em que passou a freqüentar às aulas de Filosofia e Educação, na Universidade da Pensilvânia, buscando o mestrado.

---

<sup>17</sup> Argonautas, heróis que, a bordo do navio *Argo*, e comandados por Jasão, foram conquistar o velocino de ouro, na Cólquida. Eram cerca de cinquenta, entre os quais Hércules, Castor, Pólux, Orfeu e Peleu.

<sup>18</sup> - Moeda nacional de Gana, pós-independência.

Francis Nkrumah graduou-se bacharel em Teologia, em 1942, como destaque de sua turma, e, no mesmo ano, obteve seu grau de mestre em Ciência da Educação, na Universidade da Pensilvânia. Foi, então, indicado instrutor, em tempo integral, na área de Filosofia, Grego e História do Negro.

A Universidade da Pensilvânia premiou-o com o título de M.A. em Filosofia, quando iniciou seus preparativos para obter o doutorado na mesma universidade. E, apesar do esforço que representava andar de uma para outra universidade — Lincoln e Pensilvânia — para estudar numa, e lecionar na outra, conseguiu, ao longo de um par de anos, manter os cursos e submeter-se aos exames preliminares de Filosofia. Tentou, ainda, pesquisar para sua tese, porém teve de desistir.

Um colega estudante disse em Nova York, em 1959, que, à margem seu encanto pessoal, havia sempre algo de especial na figura de Kwame<sup>19</sup> Nkrumah, que fazia as pessoas girarem à sua volta. Recordou esse colega de como Kwame foi chamado a presença do reitor certa manhã, a fim de receber uma carta que havia chegado da Costa do Ouro. Portava uma mensagem triste e perturbadora, que fez o reitor acalma-lo e aconselhá-lo a continuar seus estudos, não importando os fatos.

Algum tempo depois dessa experiência, Francis confidenciou a um colega: " Toda a minha vida, a carreira, as esperanças para o futuro de meu país pareceram ruir quando eu li aquela carta, baixo o olhar do reitor — senti, imediatamente que havia perdido o jogo no qual apostara tanto, mas deixei o resto para Deus".

Em 1945, dez anos após haver chegado aos Estados Unidos, partia com destino ao Reino Unido, exatamente quando era consagrado, pelo *Lincolnian* (o jornal interno da Universidade de Lincoln), como o professor mais destacado do ano.

Sua estada naquele país não fora devotada inteiramente ao trabalho acadêmico. Foi também muito ativo no campo político. Ao tempo em que freqüentou a Universidade da Pensilvânia, ajudou a formar a Associação de Estudantes Africanos para América e Canadá. A esta associação integraram todos os demais africanos de outros campos de atividade e este envolvimento, de certa forma, ajudou a manter todos os africanos juntos. Já na primeira reunião da Sociedade, Nkrumah foi eleito Presidente. Este posto lhe pertenceu durante todo o tempo em que ainda permaneceu nos Estados Unidos.

Foi esta sociedade que editou o *Intérprete Africano*, cuja finalidade era divulgar as atividades e, através de suas colunas, reviver o espírito de nacionalismo entre seus membros.

Francis Nkrumah conseguiu, ainda, achar tempo para ser aproximar dos círculos políticos norte-americanos, tanto entre os dos Partidos, Republicano, quanto Democrata, bem como os comunistas e os *trotskistas*. Ele também se aproximou de organizações que estavam tratando de problemas africanos, as quais muito o auxiliaram na tarefa a que se havia proposto, de preparar o seu próprio povo para a campanha de liberdade.

Ele pensou demorada e profundamente sobre os problemas do colonialismo. Não seria uma batalha a ser travada sem maiores cuidados. E sabia que, para lograr sucesso na

---

<sup>19</sup> - Nascido num sábado.

Independência da Costa do Ouro, tudo dependeria da organização que fosse adotada. Assim, passou a se concentrar no desenvolvimento de um plano com o qual o poderio colonial pudesse ser removido, em seguida, e, para sempre. Portanto, procurou conhecer mais profundamente as obras de Hegel, Karl Marx, Engels, Lenine e Mazzini; mas Marx e Lenin mais o impressionaram, considerando a relevância no momento da questão colonial.

Em todos os planos e preparativos, nunca teve a menor dúvida de que a África seria capaz de resolver sérios problemas e governar-se a si mesma. Para tanto, recordava a História Africana anterior à "Escalada na África", ocorrida no século 19.

A primeira intenção de Francis Nkrumah, em se dirigindo ao Reino Unido, fora completar sérios estudos de Direito e preparação para doutorado. Para isso, matriculou-se no *Gray's Inn* e assistiu a um programa de aulas organizado pela Escola de Economia, ambos em Londres. Também se matriculou no *University College*, ainda em Londres, para assistir aulas de Filosofia.

Mas, apesar disso, em poucas semanas, já estava engajado em atividades políticas. Fez-se membro da *União de Estudantes da Costa Oeste da África*, tornando-se após seu vice-presidente. Não muito tempo após sua chegada a Londres, encontrou George Padmore<sup>20</sup> e Jomo Kenyatta; Dr. Makonen e o escritor sul-africano Peter Abraham, com os quais iniciou os preparativos para o 5º Congresso Pan-africano, planejado para se efetivar em Manchester. Ele e Padmore tornaram-se secretários do Comitê. Nesta condição enviaram cartas para diversas organizações semelhantes, através da África e Índias

Ocidentais, expondo os objetivos do Congresso e as medidas que viriam a ser adotadas visando conseguir a libertação das colônias africanas.

O Congresso, em Manchester, foi presidido pelo grande afro-americano, Dr. W. E. B. Du Bois<sup>21</sup>, e constituiu-se em memorável sucesso, dele participando mais de duzentos delegados de todo o mundo.

Foi naquela conferência que a doutrina do Socialismo Africano, baseada em táticas de ação afirmativa, sem violência, se iniciou. Também aí se assentaram as bases para obtenção dos direitos humanos para os africanos e surgiram instruções sobre como organizar partidos políticos na África. Isto foi conseguido por homens dotados de extremo senso prático e assim foram asseguradas as bases necessárias para o despertar de um nacionalismo africano. Também daí surgiu o Secretariado Nacional da África do Oeste, que veio colocar em ação os objetivos do Congresso. Francis Nkrumah tornou-se o seu secretário.

Foi decidido, também, a edição de um jornal a se intitular *New African*, e Francis Kkrumah contactou todos os membros de países francófonos da África ocidental, integrantes da Assembléia Nacional Francesa. Ficou acertado que deveria ser vendida a idéia de um nacionalismo oeste-africano a todos os estudantes africanos que se encontravam na

---

<sup>20</sup> - Pan-africanista ganense e amigo de Nkrumah.

<sup>21</sup> - William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963), pode ser considerado como o pai da intelectualidade negra norte-americana - instigador da moderna militância, de sua auto-consciência e de seu moderno desenvolvimento cultural. Formou-se na Universidade Fisk, em 1888, ano da libertação dos escravos, no Brasil, graduando-se como doutor, quatro anos adiante, na Universidade de Harvard. Veio a morrer em Gana, onde adotou a cidadania, nos últimos anos de sua vida.

Inglaterra, Europa e América, especialmente aqueles que residiam na área de Londres e que já sentiam mais perto o processo político de libertação das Colônias Africanas.

Nkrumah buscou logo após um contato com a Associação dos Trabalhadores de Cor na Grã-Bretanha e conseguiu estabelecer uma ponte entre os estudantes e os trabalhadores de diversas áreas.

Com efeito, a fundação do Secretariado Nacional da África do Oeste e a União Africana de Estudantes serviu como uma câmara de compensação para assuntos africanos, tendo sido organizadas demonstrações, algumas vezes por membros do Parlamento, na *Trafalgar Square* ou no *Hyde Park*.

Mas todas estas atividades mantiveram Nkrumah virtualmente afastado de seus estudos de Direito. Não tinha, sequer, dinheiro ou tempo. Teve também de abandonar seu trabalho na tese de doutorado. As tarefas de ordem prática, de repente, tornaram-se mais importante. Assim, Nkrumah amadurecia, em Londres, para seus grandes encargos na própria Costa do Ouro, então sob o domínio inglês.

Foi em torno a este tempo que a Assembléia para União da Costa do Ouro (UGCC<sup>22</sup>), foi fundada na Costa do Ouro.

O objetivo do movimento era juntar todos os setores da nação, a fim de demonstrar coesão quando fosse debatida a questão colonial. O movimento era liderado por Geroge Grant, um grande comerciante, e uma plêiade de intelectuais nativos. Mas a convenção clamava por organização. Portanto, fazia-se mister encontrar um secretário que tivesse a



necessária habilidade administrativa. A escolha recaiu em Nkrumah, então em Londres.

Foi uma proposta muito atrativa, em termos financeiros S ofereciam-lhe um salário mensal de cem libras e um automóvel. Era a oportunidade que estava esperando há muito S viria a confessar mais tarde. Desejava estar na vanguarda da luta pela libertação de seu povo da opressão colonial. Apesar disto, buscou maiores informações a respeito da UGCC, antes de tomar a decisão final. Foi alertado de que a UGCC era uma experiência que poderia fragmentar a idéia global de unidade da África contra o poderio do colonialismo, se viesse a falhar. Ele se sentiu, assim, obrigado a buscar a opinião do Secretariado Nacional Africano, e quando esta chegou, escreveu, aceitando a oferta da Costa do Ouro. Nkrumah tomara sua decisão. Havia lançado os dados; cruzara o seu Rubicão. Não poderia haver volta ao que fora, ao tempo em que permanecera como agitador e estudante, em Londres.

Decisão tomada, seus amigos viram a partida com múltiplos sentimentos. Sentiam por vê-lo partir. Lastimavam por interromper seus estudos. Acima de tudo, preocupavam-se S sua atuação não poderia danificar os planos mais ambiciosos de libertação total da África? Todavia, nada podia ser feito. Nkrumah estava retornando para a sua amada Costa do Ouro, onde, se o futuro se mostrasse venturoso, garantiria ao país sua independência política; seu surgimento como uma nação soberana. Por certo, esta era a missão que, de há muito, esperava desempenhar. A questão, toda, se punha no descobrir se ele havia escolhido os meios adequados de obter, com sucesso, o planejado.

Após algumas dificuldades com as autoridades de imigração, face à sua atuação

---

<sup>22</sup> United Gold Coast Convencion.

política na Inglaterra, embarcou, com Kojo Botsio, de Liverpool para a Costa do Ouro. Enfim, punha seus pés na escada que o levaria às alturas do poder político, prestígio e eminência, enquanto a Costa do Ouro se transformava na moderna e desafiadora Gana.

## **3 A ASSEMBLÉIA PARA UNIÃO DA COSTA DO OURO**

### **← O PARTIDO DA ASSEMBLÉIA DOS POVOS**

Antes da chegada de Kwame Nkrumah na Costa do Ouro, os jornais locais, inclusive o jornal *Gold Coast Observer*, traziam a fotografia de um jovem de óculos e um registro de suas façanhas, tanto nos Estados Unidos, quanto na Inglaterra. Era descrito comumente como um ardente, porém inexperiente jovem, que poderia, breve, chegar à desilusão, no defrontar-se com a realidade e força do colonialismo, como era praticado na África.

A assembléia para instituição da UGCC, que foi fundada em 1947, punha-se em posição contrária à Constituição vigente. Isto dava ânimo e agitava os ideais de obtenção de completa independência para a Costa do Ouro. Preliminarmente, o trabalho parecia ser meramente acadêmico, eis que faltavam planos e motivação das massas. E, para chegar a tanto, era necessário a nomeação de Nkrumah, que teria o dom de galvanizar a opinião e, também, conduzir à ação apropriada.

Seu primeiro discurso foi proferido para uma colossal concentração popular em Tarkwa, local para onde se dirigiu após reencontrar sua mãe, superando uma separação de 12 anos. Então, plasmou uma indelével impressão sobre seus planos em favor do povo de seu país. Falou a respeito da necessidade de libertação e dos sacrifícios que a luta iria impor: "Por todo o mundo, além dos Sete Mares, através dos Cinco Continentes, há povos dispostos a ajudar a África. Mas, uma questão permanece: quem começará e quando? Eu

vim para dar o início, mas se, em seis meses, sentir-me incapaz de fazer algo, não sobreviverei. Eu vim sem armas e sem soldados. Mas tenho Deus a meu lado, para exorcizar os demônios desta terra."

Após, em Aboso, onde toda a comunidade de Nzema ofereceu uma recepção em sua honra, falou à multidão dos bons presságios vislumbrados pela feiticeira. Aliás, o segredo de seu sucesso residia, também, em uma coisa importante: a exata manipulação dos tambores por seus auxiliares, evocando os poderes da feiticeira. E assim teria de ser; para atingir seus objetivos políticos, necessitaria contar com amplo apoio popular.

De Tarkwa e Aboso, foi ao encontro do diretor da UGCC em Saltpond. Ficou, então, sabendo que o salário indicado na carta, quando ainda em Londres, de cem libras mensais, seria, em verdade, de vinte e cinco libras. A informação, contudo, sequer o perturbou. Trabalharia mesmo sem receber qualquer salário, se pudessem provê-lo com alimentação e alojamento. Ao curso das discussões, ele delineou os seus planos para ação.

Examinando os registros da UGCC, pode concluir que existiam apenas 13 diretórios registrados e, deste número, apenas dois encontravam-se em condições que indicassem o sentido próprio de algo organizado. Descobriu, da mesma forma, que os esforços se voltavam, apenas para o sul do país. Sentiu que seu empenho haveria de se concentrar na cobertura de todo o país, mesmo a região Trans-Volta<sup>23</sup>, e a Togolândia <sup>24</sup>.

Finalmente, dirigiu-se a Acra, para proferir seu mais importante discurso ao povo da

---

<sup>23</sup> - Região ao norte de Gana onde foi criado o Estado de Alto Volta, mais tarde transformado em, Burkina Faso.

capital, em ato que se realizou no *Palladium*. Aí, nesse momento, ficou sobejamente evidenciado o surgimento da ainda viva "Lenda de Kwame Nkrumah".

De Acra, ele retornou para sua base em Saltpond, iniciando uma gira por todo o país. No passar de poucos meses ele havia inaugurado cerca de 500 diretórios da UGCC por todo o país. Apesar disto, ainda havia, em meio aos integrantes do movimento, certa indecisão e discórdia, quanto à exata política a ser seguida. Este estado de ânimo ensejou o surgimento de demonstrações de desagrado, que fugiram ao controle, ocorrendo, mesmo, duas mortes, quando um grupo de ex-servidores, ao apresentar reivindicações ao Governador, no Castelo, foi recebida à bala pela polícia. Seguiram-se saques e pilhagens, tendo, por consequência da repressão policial, sido mortos vinte pessoas, e muitas ficaram feridas.

Nkrumah valeu-se desse episódio para enviar uma mensagem ao Ministério das Colônias, em Londres, dizendo que a lei e a ordem haviam sido quebradas e que, portanto, um governo popular deveria ser escolhido. A resposta britânica, entretanto, foi a imputação a Nkrumah e seus seguidores de estarem a subverter a ordem. Após haver estado por algum tempo em Acra, com seus amigos, Nkrumah seguiu para Cape Coast<sup>25</sup>, onde instalou um novo escritório, eis que a *United Africa Company* os havia desalojado de um edifício que alugaram em Saltpond.

Em Cape Coast, Nkrumah foi preso, juntamente com outros cinco companheiros.

---

<sup>24</sup> - Ex-colônia da Alemanha, transformada no Estado de Togo.

<sup>25</sup> - Cidade costeira de Gana.

Foram levados para a prisão de Kumasi<sup>26</sup>. Sentiu, então, que seus companheiros não estavam felizes, ou pelo caminho seguido, ou pelas conseqüências que advieram. Um conluio, visando a libertação deles, fez com que as autoridades os transferissem de Kumasi para Tamale<sup>27</sup>, na remota região Norte.

Em Tamale foram separados, e Nkrumah, temporariamente, perdeu o contato com os demais. Nkrumah ficou, assim, sob custódia, durante seis semanas. Uma Comissão de Inquérito, que incluía Aiken Watson, o reitor do *Lincoln College*, de Oxford, chegou à Costa do Ouro em abril de 1948, e determinou a imediata soltura de todos os presos.

A UGCC havia contratado os serviços legais de Dingle Foot, para sua defesa, e o plano era repudiar tudo quanto Nkrumah havia feito como secretário, declarando não ser nem de sua intenção, nem responsabilidade. A Comissão Britânica de Inquérito chegou à conclusão e, fez recomendação, no sentido de que a antiga Constituição era inadequada e que a Costa do Ouro deveria receber permissão para iniciar a marcha em direção um governo próprio. Noutra ângulo, é evidente que apesar da nova perspectiva eles jamais iriam encorajar algumas das ideias de Nkrumah, como sua visão de uma *"União de Repúblicas Socialistas do Oeste-Africano"* S o que, aliás, nunca foi levado adiante.

Por volta de dezembro de 1948, mesmo as autoridades britânicas, na Costa do Ouro, começaram a sentir a necessidade de mudança no processo constitucional. Esforços

---

<sup>26</sup> - Segunda cidade mais importante de Gana, capital do império Achanti, onde reside, ainda hoje, o asantehene, rei dos achantís, e com espaço político, embora restrito, mesmo na atualidade no Estado ganense.

<sup>27</sup> - Cidade ao norte de Gana, já quase nas fraldas do deserto do Saara, onde domina a etnia dos dagombas.

foram feitos no sentido de alojar dentro do governo a União dos Comerciantes, bem como o povo em geral. Mas o resultado foi sempre inexpressivo. O próprio Nkrumah teve problemas com o seu comitê. Nessa época pôde ser considerado como o fato mais relevante a fundação do *Colégio Nacional de Gana*, para absorver a maioria dos alunos que haviam sido afastados de seus colégios, por participar dos movimentos de agitação, quando da prisão dos líderes da UGCC.

A discórdia entre Nkrumah e seu comitê foi gradualmente crescendo, a tal ponto que, no final, eles ofereceram cem cedis para que comprasse passagem apenas de ida para a Inglaterra. Ele, é claro, recusou, mas foi obrigado a aceitar sua transferência para o posto de tesoureiro. Mesmo assim a rivalidade continuou, criando sérios problemas entre o povo, não entendendo os ataques da Assembléia, tentando conseguir para si o prestígio de Nkrumah.

Eventualmente, a publicidade tornava mais amarga e cabia a Nkrumah a tarefa de contornar os problemas.

Ele insistia com firmeza sobre a necessidade de não haver separação entre os planos educacionais e políticos, uma vez que as autoridades britânicas, nem nenhum momento, estariam dispostas a transferir o poder para qualquer organização que não tivesse um programa político. Assim ficou decidido que o Comitê para Organização dos Jovens (CYO<sup>28</sup>), uma nova entidade organizada por Nkrumah, seria meio de transformar a UGCC no Partido da Assembléia dos Povos (CPP<sup>29</sup>), que pretendia a reconciliação dos jovens e a

---

<sup>28</sup> - Committee of Youth Organization.

<sup>29</sup> - Convention Peoples Party

facção antes existente.

Nem todos, aceitavam, entretanto a liderança de Nkrumah. Ele tinha de lutar, a mais, contra toda sorte de oposição. Mas seu prestígio popular tornava-se imenso, expressivo e óbvio. O movimento não mais poderia ir adiante sem sua pessoa. As tentativas pois de alijá-lo não tinham mais condições de prosperar. Seus comícios reuniam milhares de pessoas. Por conseqüência, uma ação afirmativa se tornava imperiosa: demonstrações, jornais, greves, boicotes, etc. Não havia contemporizações, como também não havia violência .

Nkrumahnh chegou a propor sua renúncia, mas o povo não aceito. Ele tinha, assim, o suporte popular para atuar tanto contra o Colonialismo, quanto, seus colegas. E então, começou a luta buscando, em definitivo, o auto-governo para seus país.

Estava, então, iniciando-se a última fase da grande campanha para a independência da Costa do Ouro; e Nkrumah era a força essencial e indispensável. Ele apelou para a unidade nacional, nesse estágio crucial e , amplamente, obteve sucesso.

Nkrumah vislumbrou o breve surgimento de um novo e soberano Estado e, também, renunciou o surgimento de um novo partido político: o Partido da Assembléia dos Povos, e suas esperanças tornam-se em realidade; ter sido um esforço incruento e cheio de sucesso.

Nkrumah decidiu, finalmente, o que deveria fazer. Ele tinha um caminho claro e definido a seguir.

Contava com o povo solidariamente a segui-lo, na luta ardente de libertação de sua



pátria, da opressão colonialista e obtenção rápida de auto-governo, segundo as bases de uma identidade nacional, autodeterminação interna e externa, e um governo do qual o povo todo pudesse participar, livre e igualitariamente. Isto era um grande monte a escalar e necessitaria de um homem com estatura e visão capaz de chegar até o topo.

Gana é hoje, ainda, um grande monumento á sua visão, seu patriotismo e determinação, apesar de todos os obstáculos, especialmente nos anos de 1948-49. Nkrumah finalmente se decidiu pelo que deveria fazer. Demarcou um caminho e traçou o curso adiante, tendo o povo firmemente à sua retaguarda, na luta pela libertação da nação dos grilhões do colonialismo, e pelo imediato auto-governo, baseado na identidade nacional, autodeterminação, no país e no exterior, e um governo do qual todos pudessem participar, livre e igualmente. Tratava-se de uma gigantesca empreitada, que exigia, naturalmente, para o sucesso, de um homem da visão e estatura de Nkrumah.

## 4 C.P.P. PARA COMPLETO AUTO-GOVERNO

O papel desempenhado pela famosa cidade mineira de Tarkwa, na história política do país, foi muito significativa. Lá, poucas semanas após sua chegada ao país, Nkrumah proferiu um de seus mais notáveis discursos, para uma imensa multidão de mineiros, tanto negros quanto brancos; homens de negócios, pequenos comerciantes, alunos e professores. Disse, então, para sua expressiva audiência, que havia retornado ao país para a luta em favor da independência. E que programara seis meses como ponto máximo para o início de uma atuação efetiva. Se, decorrido este prazo, nada conseguisse, então preferia morrer.

Noutro comício, ocorrido uma semana após, em Aboso, próximo de Tarkwa, na comunidade de Nzema, conseguiu deixar marca indelével de encantamento entre os ouvintes, fazendo com que sua mensagem ficasse bem gravada. Nkrumah sabia fazer com que suas palavras tivessem o suporte mágico das notas de tambores, que eram tecnicamente bem executados, de forma a ensejar um tom místico de poder à sua fala e semblante. Ele sabia que para conseguir atingir seus objetivos o apoio da massa popular seria indispensável e um meio de sensibilizá-lo era fazê-lo evocar, enquanto falava, tradições ancestrais, que o som dos tambores fazem emergir em suas notas. Em verdade, decorridos seis meses de sua chegada, se Nkrumah ainda não havia atingido o sucesso que desejava, pelo menos tinha conseguido remover muitos dos obstáculos que impediam o crescimento da UGCC e assegurara ao órgão uma nova razão e objetivo.

Por toda a Costa do Ouro, além de suas fronteiras, mesmo na Inglaterra e outros recantos do mundo, o som libertário dos tambores passava a ser claramente ouvido e todos começavam a dar importância aos eventos que estavam a ocorrer naquele recanto do imenso continente africano. Por fim, apesar de tudo, desgastado com as dissensões entre seus próprios companheiros, Nkrumah retornou a Tarkwa. Convocou uma conferência com os membros do CYO e, após muitas deliberações, chegaram à conclusão da necessidade de se criar um novo partido político (CPP), que foi inaugurado num comício que teve por cenário a *West End Arena*, em Acra, a 12 de junho de 1949.

Seguramente, não foi uma decisão que a todos agradou. Havia certa resistência na área de Sekondi<sup>30</sup>, mas Nkrumah, apesar disto, foi reconduzido ao cargo de secretário-geral, o que lhe assegurou grande poder e prestígio, conseguindo, a partir daí, o controle da situação. Mas, nas marchas à frente e atrás, instigadas pelos descontentes, obrigaram Nkrumah a mais um gesto de desprendimento, ao renunciar ao cargo. Iria, então, transmitir seu apelo e determinação diretamente ao povo.

Noutro ângulo, o CPP começou a introduzir, pela primeira vez, noções de Democracia Parlamentar na Costa do Ouro. Grandes movimentos tendentes a sensibilizar e instruir o povo nesse sentido foram encetados. À frente, estavam os jornais *Accra Evening News*, *Cape Coast Daily Mail* e *Morning Telegraph*, de Sekondi. Nkrumah era claro e resoluto em seus objetivos: a batalha para que seu país conseguisse auto-governo deveria desenvolver-se em diferentes frentes: contra os colonialistas e seus agentes; contra os

líderes rebeldes da UGCC; contra certos chefes<sup>31</sup> e contra indecisos ou oponentes intelectuais. Mas, não obstante, ele tinha plena certeza da vitória, suportado pelo povo da Costa do Ouro.

Seus oponentes eram bastante ativos. Tentaram, mesmo, conseguir fosse Nkrumah banido de Acra, por ser um perigoso agitador. Desejavam fazer recair sobre Nkrumah a suspeita de que sua "ação afirmativa", transformando-a em violência e desordem. Nkrumah, por seu turno, justificava que sua política, para obtenção de auto-governo para o país, era um movimento legítimo, sem violência, exatamente como os ingleses haviam aceito na Índia. Afirmava que liberdade nunca fora outorgada a qualquer território colonial numa bandeja de prata. Ela somente poderia ser conseguida após uma dose de agitação — de forma tal que a Costa do Ouro não iria ser exceção. Ele desejava valer-se de todos os meios constitucionais a seu alcance para afetar o poder colonial, e não se afastaria desse propósito, enquanto não visse desobstruídos os caminhos que levavam ao auto-governo.

Nkrumah, então, fez outra peregrinação através do País, a fim de, amplamente, expor seus planos. Em essência, seu desejo era a obtenção de auto-governo, mas sem violência. As autoridades britânicas não conseguiram agradar ao povo, uma vez que o CPP considerava muito pouco o que ofereciam. A Costa do Ouro exigia estado de total autonomia, mesmo que permanecendo como membro da Comunidade Britânica de Nações.

Os ingleses, todavia, reagiram, com a prisão de alguns mais ácidos editores de

---

<sup>30</sup> - *Antiga cidade portuária.*

<sup>31</sup> - Dignitários, na tradição nas nações-estado que vieram a formar o Estado de Gana,

jornais. Nkrumah foi convidado para uma reunião organizada pelo Secretariado das Colônias, na esperança de evitar uma “ação afirmativa”. Na ocasião, manteve-se firme e militante. Os sindicatos estavam na iminência da greve. Mantinha-se, Nkrumah, em permanente atuação, alertando o povo de que a crise estava lançada e que a luta deveria dar-se agora ou nunca mais. A “ação afirmativa” passou a funcionar efetivamente. O comércio fechou as portas. Os trabalhadores entraram em greve. Os trens paralizaram.

A crescente tensão chegou ao auge quando um comício de ex-pracinhas terminou numa batalha com a polícia, disto resultando na morte de dois oficiais. A partir daí ocorreu a prisão de inúmeros integrantes do CPP, ao mesmo tempo em que se dava o confisco de documentos da sede do partido. O próprio Nkrumah foi detido, posto numa prisão, esperando por julgamento.

O julgamento durou muitas semanas. A atuação de dois advogados ingleses não alterou o veredito da corte.

Nkrumah recebeu duas sentenças de um ano de prisão cada. Após, ele foi conduzido a Cape Coast onde também foi submetido a julgamento, sendo sentenciado a mais um ano, sob outra acusação. Mesmo na prisão, Nkrumah manteve suas ligações com o pessoal do CPP. Suas ordens eram filtradas através da prisão e corriam por todo o país. A estruturação do CPP para as eleições gerais marcadas para 8 de fevereiro de 1951; foi feita por ele, dentro da prisão.

Apesar de preso, fizera-se candidato. Foi eleito pela região Acra Central, recebendo

o mais expressivo contingente eleitoral em toda a história da Costa do Ouro. A 12 de fevereiro, Nkrumah era posto em liberdade, após haver cumprido um período de doze meses na prisão. Impressionante multidão o acompanhou desde *James Fort*, onde estava preso, até Praça de West End, em Acra num carro aberto.

Já no dia seguinte à sua libertação, teve uma audiência com o governador, *sir* Charles Arden Clarke, oportunidade em que fez externar sua admiração pela justiça e sinceridade daquele cidadão. Nkrumah, então, foi convidado a formar um governo, pois o CPP havia conseguido um total de 34 das 38 cadeiras disputadas para a nova Assembléia Nacional. O oferecimento foi aceito por Nkrumah, que escolheu cinco membros de seu partido e dois membros territoriais. Foi bem claro aos colegas, advertindo-os da necessidade de utilização da máquina constitucional vigente, como uma forma de chegarem, adiante, ao governo por si próprios.

De qualquer forma, Nkrumah ainda se torturava com a existência de oposição no seio de seu próprio povo. O CPP recebia a acusação de negligência, morosidade e até mesmo complacência. E, de qualquer forma, Nkrumah sabia que não tinha condições de fazer as coisas andarem muito depressa, pois as dificuldades eram imensas: havia evidente inexperiência parlamentar entre seus impacientes colegas. Assim, quando o CPP pode dispor da administração pública, apenas dez por cento entre os mais graduados eram africanos. Foi rapidamente sentido que o processo de africanização não poderia ocorrer em seguida sem que fosse vencida a máquina administrativa. Então, cerca de 500 ingleses foram solicitados a permanecerem no serviço civil como meio de treinar seus colegas

africanos. O acordo nem sempre funcionou harmonicamente mas, de qualquer forma, ajudou muito no princípio.

Uma peste nas plantações de cacau<sup>32</sup> afetou grandemente a economia; mas Nkrumah incentivou os plantadores a enfrentar o problema. Também na sua linha inicial de ação estava a busca da industrialização para o país e o ingresso de mais investimentos estrangeiros.

Foi em 1952 que Nkrumah logrou mais um decisivo passo na sua caminhada: recebeu o cargo de Primeiro Ministro. Investido, tratou de formar o seu Gabinete, segundo o modelo britânico. Passou, pois, a negociar firmemente, tanto com o Governador da Costa do Ouro, quanto com as autoridades do Escritório das Colônias, em Londres. Ingêntes esforços foram, nesse meio tempo, feitos para obtenção do auto-governo para a Costa do Ouro. O espírito das discussões se consubstanciava numa futura reforma constitucional, cujo projeto foi publicado em 1953. A proposta, contudo, não prosperou. Assim, ainda outra vez, Nkrumah partiu numa cruzada através do país e, desta feita, como nunca antes, sentiu as reais e pulsantes aspirações do povo, de se ver liberto do julgo colonial. Em 10 de julho de 1953, na Assembléia Nacional, Nkrumah demandou às autoridades britânicas, em histórica proposta legislativa, sobre a imperiosa necessidade de serem feitos acordos constitucionais e administrativos, tendentes-se à outorga da independência à Costa do Ouro. O povo desejava ter seu próprio sistema parlamentar democrático, semelhante ao existente no Reino Unido. A moção foi aprovada por unanimidade, mas para que fosse

executada seria necessária a realização de eleições gerais. O país, nessa época, estava dividido em 104 distritos eleitorais, e o CPP disputou em cada um deles.

Nkrumah visitou cada um dos distritos, mas constatou com tristeza que em alguns lugares os candidatos oficiais eram contestados e sofriam a oposição de candidatos não oficiais: havia muita desunião. Surgiu o Partido dos Povos do Norte, disputando as vinte cadeiras a que tinha direito aquela região. O país mostrava-se inquieto ante tais fatos e havia muita especulação quanto ao resultado do pleito.

Foi em 15 de junho de 1954 a eleição geral. Embora toda a confusão lançada, o CPP conseguiu setenta e duas das cento e quatro cadeiras e, novamente, Nkrumah foi chamado a comparecer ante o Governador, Sir Charles Arden Clarke, para formar um novo Governo.

Ele iniciou o seu novo período no poder, controlando o preço do cacau, que foi fixado em setenta e dois *shillings*, o saco, para quatro anos. A medida recebeu o apoio sincero dos plantadores de cacau, porém desagradou aos oponentes políticos do primeiro ministro.

De sua parte, Nkrumah recusou-se a reconhecer a existência de uma oposição. Sucesso que as linhas de divisão dentre os que estavam contra ele eram tão significativas que eles não poderiam ser reunidos num outro partido. Para piorar, o CPP era muito perseguido, especialmente na Região Ashanti. Nkrumah mostrava-se tristonho pela desunião, que poderia dar aos ingleses o argumento de que a Costa do Ouro não tinha

---

<sup>32</sup> - Gana era o maior produtor mundial de cacau e, assim, tinha neste produto a base maior de sua renda.



condições de conseguir a independência e se governar bem. A posição agravara-se mais adiante face à destituição de alguns chefes, na Região Ashanti, por terem conexões com o CPP.

Nesse ponto seus adversários políticos clamavam por eleições gerais, valendo-se da questão do preço do cacau para sua agitação.

Esforços do CPP para trazer alguns dos opositores para uma discussão proveitosa falharam e, então, estes apresentaram uma moção criando um sistema federal de governo. Foram criados conselhos regionais, o que também não satisfez os opositores. Ocorria, ao mesmo tempo, mais e mais agitação na Região Ashanti. Os ingleses enviaram um conselheiro, Sir Frederick Bourne para cooperar com os problemas locais, mas seu relatório também não foi aceito pelos opositores.

Mesmo uma assembléia marcada posteriormente para Achimota foi boicotada pelos opositores. A desunião estava a dificultar seriamente o movimento para independência, como Nkrumah desejava. Mas, sem outra alternativa, concluiu que deveria, efetivamente, se realizar uma outra eleição geral, a fim de tornar claro o quadro. Mas, antes, decidiu fosse realizado um plebiscito no Território da Togolândia<sup>33</sup>, a fim de ser decidido se seus habitantes desejava integrar-se à Costa do Ouro e lograr também a independência.

Seis dias após o plebiscito, na cerimônia de abertura da Assembléia Legislativa, em Acra, na sua "Fala do Trono" o Governador se referiu à desunião e, embora isto, sugeriu aos membros que durante a sessão que se iniciava, dedicassem todo tempo ao debate em

torno da independência do país. A proposta foi aceita por Nkrumah que aproveitou a oportunidade para sugerir que, após a independência, o país recebesse um novo nome: Gana, inspirado num antigo e poderoso império africano, o que poderia servir de emulação para a juventude.

As eleições gerais ocorreram em 12 e 17 de julho de 1956. Nkrumah elaborou um breve manifesto a seu partido e à nação enunciando as questões em jogo. Seus comícios envolviam grandes massas realizando-se comumente na Praça de West End, em Acra. Insistia para que cada cidadão comparecesse à eleição e que votasse no galo vermelho, símbolo do CPP. Tratava-se de um eleição emocionante e febril. Quando do resultado, o CPP havia conseguido setenta e uma cadeiras, às quais se somou a de um independente, completando a maioria absoluta, num parlamento de cento e quatro assentos. Assim, Nkrumah, fortalecido, formou um novo governo.

Mesmo assim, não lhe faltou firme oposição. Houve, mesmo, quem se declarasse contrário à própria independência, mesmo que pleiteada com a permanência na Comunidade Britânica de Nações. Estes argumentavam que a nação não se encontrava, ainda, preparada para a democracia. Afortunadamente, o governo britânico concordava com a posição de Nkrumah, tendo informado-o, oficialmente, no dia 17 de novembro de 1956, que o Reino Unido havia concordado em assegurar a independência da Costa do Ouro, após sete longos anos de agitação e debate. Este era o momento supremo de Nkrumah, que via concretizado, por inteiro, o sonho de sua vida.

---

<sup>33</sup> *Partes territoriais que pertenceram à Alemanha e que, depois da guerra passaram a integrar Gana e Togo.*

No dia seguinte, por coincidência, o de seu quadragésimo sétimo aniversário, ante a Assembléia Legislativa, Nkrumah anunciou: “ *Uma vez que provisão legislativa foi aprovada, por esta recém eleita Assembléia, demandando pela independência, o que ocorreu com expressiva maioria de votos, tenho a honra de informar que o Governo de Sua Majestade irá apresentar, na primeira oportunidade, ao Parlamento do Reino Unido, um projeto de lei concedendo independência à Costa do Ouro e, dependendo da aprovação do Parlamento, pretende o Governo de sua Majestade outorgar autonomia ao país em 6 de março de 1957. O Governo de sua Majestade também demonstrou o desejo de rebatizar o país com o nome de Gana, quando da independência, e as medidas legais devem ser tomadas para tornar efetivo aquele desejo...*”

O despacho do Secretariado Britânico para as Colônias concluiu informando que “*é desejo de Sua Majestade, de que, neste momento de transição histórica da Costa do Ouro, todos os setores do país estejam em condições de trabalhar em conjunto para o bem comum. Em nome do Governo de Sua Majestade eu desejo ao Governo desse país sinceros votos de um futuro pleno de sucesso para o povo da Costa do Ouro*” .

Então, em todos os recantos do mundo houve regozijo pela vitória, resultante, em última análise, da ação do Partido da Assembléia dos Povos S CPP. Era o primeiro país, ao sul do Saara, que adquiria independência . Materializavam já o grande triunfo de Nkrumah, por sua visão, dedicação, ardor e sacrifício, em favor do país e de sua causa. Virtualmente ele havia dado sua vida para atender ao nobre propósito. E, mesmo hoje, Gana se constituiu num monumento a provar que sua luta não foi em vão.

## 5 O HOMEM KWAME NKRUMAH

Em 1926, como aluno-mestre em Half Assini, na Escola Católica Romana, Kwame Nkrumah teve de defrontar-se com um seu professor, que se dispunha a aplicar injusta punição a certo aluno. O caso teve grande repercussão, pois o professor S um arrogante prepotente S foi reduzido ao nível que merecia.

Alguns dos que estudaram em Achimota a seu tempo, recordam a impressão forte que deixara sobre Nkrumah a figura do Dr. Aggrey. Ele não negou, pelo contrário, sempre que podia confidenciava aos mais íntimos, o desejo de seguir os passos daquele homem. E o desejo de Nkrumah era tão forte que, após as aulas do mestre, fazia o possível para imitar todos os seus gestos e atitudes, causando, entre seus companheiros, espontâneo riso. Mais tarde todos compreenderam que os atos de Nkrumah demonstraram o que o futuro lhe reservava. Foi o começo de sua oratória. Comumente, em discursos para seus colegas, dizia: " Um dia eu serei o Governador Geral da Costa do Ouro". E insistia na afirmativa, mesmo quando seus companheiros o ridicularizavam, pelo sonho.

Havia, evidentemente, algo em si que atraia a todos. Mesmo ele dizia não entender como as crianças acorriam em bandos para ter contato com ele em sua casa. Este tipo de relacionamento social também ocorria em Achimota, quando aos sábados, na hora do jantar, encantava e entretinha a todos.

Era costume entre as várias casas se alternarem no entretenimento dos estudantes, quando não havia espetáculos de tambores tribais. Certa feita, não havendo quem fosse

divertir os alunos, então, voluntariamente, Nkrumah se dispôs fazê-lo. Não se sabia como poderia um homem enfrentar o problema proposto. E, para surpresa geral, Nkrumah apareceu vestindo uma casaca e cartola, cantando:

S Onde conseguiste esta cartola?

S Onde conseguiste esta casaca?

Foi muito aplaudido, pois os estudantes sentiram que havia uma brusca mudança entre seu comportamento normal e a encenação que fazia. Em verdade, isto caracteriza um lado de sua personalidade, ou seja a capacidade que tinha de fazer sempre coisas diferentes. Também seus contemporâneos recordam que certa vez, em Achimota, ao lavar uma túnica branca, esqueceu de colocar sal na água. Por conseqüência, os bordados em ouro que tinha nas mangas escorreram, manchando o branco da túnica. Ele compareceu à aula com a roupa escorrida e as crianças divertiram-se muito, dizendo que ele havia vindo do mato. Não protestou, apenas deixou que as coisas fossem para o esquecimento.

Nkrumah foi um homem muito religioso e atendia aos preceitos da Igreja Católica. Incluía-se em seus hábitos não comer carne às sextas feiras.

Em 1935, viria a se manifestar, de forma enérgica, contra a invasão, das tropas de Mussolini<sup>34</sup>, à Etiópia, considerando como um claro exemplo do colonialismo.

Ele também se preocupava com o problema de 15 milhões de negros nos Estados

---

<sup>34</sup> - Benito Mussolini, conhecido como "Il Duce", foi ditador fascista italiano, comandante de uma política expansionista. Morreu em 1945, assassinado.

Unidos, e chegava a brincar com a idéia de vir um dia a ser um dos líderes do movimento negro americano. Em verdade, quando concluiu seus estudos , chegou a receber convites de algumas universidades negras americanas para lá lecionar. Porém, entendia que acima de tudo estava o movimento de libertação de seu próprio país. Não obstante, ao tempo em que esteve em Londres, sempre sonhou com a possibilidade de poder ajudar movimentos de libertação negra, em qualquer parte do mundo. Era, afinal, sua cruzada e a dedicação de sua vida.

Ele acreditava com paixão na herança e personalidade africanas e, por extensão , acreditava também na tradição histórica de Gana.

Nkrumah jamais usou chapéu e seu comportamento era seguido pelos jovens do país, a tal ponto que uma empresa comercial que recebera ordem da matriz para importar chapéus, informou que seria perda de tempo, pois ninguém usava chapéu na Costa do Ouro.

Ele jamais repartiu seu cabelo, apenas penteava-o para trás. Também este hábito veio a tornar-se moda entre os jovens. A roupa que comumente usava veio a ser tornar uma espécie de traje nacional.

Quando Gana tornou-se independente, em 1957, Nkrumah decidiu que seu último objetivo haveria de ser a total libertação da África. E, nesse sentido, passou a trabalhar com denodo.

Convocou a primeira Conferência de Estados Africanos (que viveria ser mais tarde a OUA - Organização da Unidade Africana), que se efetivou em Adis-Ababa, em 1962.

Sua crença na importância da África nos negócios do mundo, e a necessidade de sua unidade, livre das correntes do colonialismo, fizeram de Nkrumah um grande e imaginativo homem de visão. Mantinha-se permanentemente ativo para atingir todos os objetivos a que se propunha. Nesse ínterim, apelou por uma intervenção armada na Rodésia e não hesitou em romper relações diplomáticas com o Reino Unido, por sua posição retardatária na questão da Rodésia. Ele ensejou treinamento e outras facilidades em território ganense para os que lutavam pela liberdade na África e, em sua posição de revolucionário, se fazia disposto a encorajar um maior número de países a conseguir sua independência. Para tanto não apenas dava apoio moral, mas financeiro também. Ele ajudou de todos os modos a luta de Jomo Kenyatta, no Quênia, para obtenção da independência do país. Também, Nkrumah determinou a concessão de auxílio à Guiné<sup>35</sup>, em sua luta contra o imperialismo francês, do general de Gaulle.

A africanização de todos os níveis do serviço público em Gana era motivo de grande orgulho e interesse. Chegou mesmo a recusar conselhos de seu assessor europeu para o Estado-Maior do Exército Ganense, que sugeriu fosse mais devagar neste aspecto. Era seu plano que tanto no Exército, quanto no serviço público em geral, os nacionais ocupassem os postos mais elevados, em quatro anos após a independência. Esse foi um programa que, de certa forma, marchou bem. Nkrumah desejava, também, a africanização da Universidade de Ghana.

---

<sup>35</sup> - Guiné, cuja capital é Conacri, ex-colônia francesa, que faz fronteira com o Senegal, Mali e Costa do Marfim.

Nkrumah, inclusive, ignorou sugestões políticas de Sir Arden Clarke, quando da nomeação de juízes. Assim, a lenda Kwame Nkrumah despontou — era o elemento maior na libertação e coesão de seu país.

' Ele tinha um olho para pequenos detalhes e permanentemente estimulava os jovens. Certa feita, em 1953, viu um estudante da Universidade Colégio no seu quarto lendo Gramática da Política, de Harold Laski. Sorriu em aprovação e foi adiante. Eu deveria, da mesma forma, recordar os dias de Nkrumah em Londres! Ajudou os alunos de medicina e outros estudantes que enfrentavam dificuldades para sua manutenção.

Nkrumah tinha uma inesgotável capacidade para o trabalho. Um professor-visitante russo afirmou, certa feita, que demoraria pelo menos oito anos para que seu povo o entendesse e apreciasse seu trabalho. Um diplomata da Embaixada de Gana, em Dacar, disse que não gostava de Nkrumah, mas mudou sua opinião quando descobriu, na Universidade de Dacar, que a maioria dos estudantes o adoravam. Que tinham sua fotografia em seus quartos e que o tinham como o líder da criação da moderna Gana e como uma expressão maior a ser reconhecida em toda a África. Mais tarde, esse mesmo diplomata, trabalhando então na América do Sul, quando do golpe-de-estado que derrubou Nkrumah em 1966, por mais que tentasse argumentar aos latino-americanos sobre o golpe, não conseguia fazê-lo. Diziam que houvera um engano e que o país haveria de se dar conta do erro e voltar atrás, porque não dispunha de um caráter e um cérebro como aquele líder. Em verdade, à medida em que os anos passam, o sentimento de perda em relação a Nkrumah só tende a aumentar, face à dificuldade de encontrar alguém em à sua altura.



Agora, sem dúvida, se tem a certeza plena do homem de visão e de estatura que contribuiu para a colocar Gana no caminho de sua própria identidade e progresso político. Se cometeu erros, isto se deu por ser, seguramente, humano; se perfeito fosse não teria o perfil adequado à liderança e condução das massas de seus imperfeitos concidadãos.

Em 1971 o presidente Sekou Toure<sup>36</sup>, de Guiné, disse , em uma conferência para a imprensa, que " o presidente Nkrumah é parte e parcela do Governo da Guiné; nós vivemos e morreremos juntos, porque ele se encarna a dignidade da África, e é a mesma missão, o mesmo objetivo , que o Estado da Guiné está tentando conseguir.

*"Para superar as deficiências de 113 anos de colonialismo teremos que ter presente tão intensa herança, de forma a construir um novo Estado, que possa ser comparado a qualquer outro no mundo. Sabemos que não contamos com homens qualificados para esta missão, mas criaremos oportunidades que haverão de nos ensinar os homens de que necessitamos. Iremos revolucionar a agricultura e os serviços sociais; o sistema educacional e melhorar os padrões de vida do povo".*

O trecho foi retirado de um discurso feito por Nkrumah, logo após a independência de Gana. Ainda hoje aquelas palavras parecem refletir os mesmos objetivos e ideais expressos pelo presidente Sekou Toure, da Guiné, numa prova da afinidade entre aqueles dois homens.

---

<sup>36</sup> - Sékou Touré, liderou o movimento trabalhista no país, então colônia francesa, tornou-o independente em 1958 e foi seu presidente entre 1958 e 1984.

A visão e os propósitos de Nkrumah foram sempre amplos e de longo alcance. Ele disse: "*A liberdade que buscamos é para nossos filhos, para gerações ainda não nascidas, para que eles possam ver a luz do dia e viver como homens e mulheres detentores do direito de reger os destinos de seu país*". Isto foi dito em 1953, na Assembléia Legislativa da Costa do Ouro.

E os mesmos sentimentos e intenções se encontravam expressos, a envolver toda a África Negra, num discurso proferido em 1952: "Muito antes do tráfico escravo e da chegada dos colonialistas à África, conheceu-se o poder do Império de Gana. A esse tempo, na antiga cidade de Timbuktu, oferecia-se africanos versados nas ciências e em humanidades, tiveram suas obras traduzidas para o grego e o hebraico e, ao mesmo tempo, fazia intercâmbio de professores com a Universidade de Córdoba, na Espanha. Havia cérebros e, hoje, eles aportam (colonialistas) e dizem que não temos condições de criação. Fomos induzidos à acreditar na nossa incapacidade, segundo eles. Mas você se esqueceu? Você tem ambições como todos; tem sentimentos como todos; tem inspiração como todos e você tem objetivos. Então, não permita que venham aqui enganar-te com noções de que a África, em qualquer recanto, é incapaz de se governar. Era um pronunciamento daqueles que tinham por objetivo galvanizar a opinião pública, e que busquem a consolidação de uma nova nação: Gana.

## 6 REALIZAÇÕES

Antes da volta de Nkrumah, após longa permanências nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, em dezembro de 1947, ele trocou seu nome cristão Francis pelo nome de seu dia de nascimento Kwame (sábado), de forma a dar mais ênfase à sua personalidade africana. Isto era parte de seu esquema, de concluir seus co-cidadãos ao encontro de sua identidade nacional e de suas potencialidades sociais e culturais. No curto lapso de 19 anos a pequena chama espalhou-se não apenas por toda a Gana, mas por isto o continente da África. Povos de todas as partes cantavam uníssonos: " Esta é a nossa terra ".

O tribalismo havia, anteriormente, separado o país e, este fator favoreceu grandemente aos colonialistas. Assim, Nkrumah teve de apagar esta imagem, já nos primeiros anos de seu esforço de desenvolvimento de país, procurando formar a noção de um objetivo final comum - liberdade para todos os povos africanos. Para este objetivo, sob o comando de Nkrumah, Gana deu sua maior contribuição.

Quando o seu partido, o CPP, chegou ao poder, em 1951, havia apenas 1.083 escolas primárias no país, com total de 154.350 alunos; 539 escola de grau médico, com um total de 66.175 matrículas; 13 escolas secundárias, com 2.937 alunos; 20 colégios para treinamento de professores, com 1916 aluno; 5 escolas técnicas , para 622 alunos, e um Colégio Universidade , com apenas 108 estudantes.

já em 1957 Gana contava 3.372 escolas primárias , com uma capacidade de 455.754 alunos; 931 escolas de grau médio, para 115.831 alunos; 38 secundárias, com

9.860; 8 técnicas, com 2.720 alunos; 30 escolas normais com 3.873 alunos e duas instituições para educação de nível superior, com 783 matrículas. E mais adiante, nos anos 1961-62, sob a inspiração de Nkrumah, o ensino de primeiro grau tornava-se obrigatório e gratuito em todo o país. O número, então de escolas, nesse nível, havia crescido para 5.451, recebendo 700.980 alunos; as escolas de nível médio chegaram a 1.575, podendo receber 175.980 alunos; as secundárias 68, com 18.866 alunos. Escolas normais 32, formando 5.452 novos professores e os estabelecimentos de ensino superior atingiam a capacidade de 1.390 alunos.

Mais adiante, já funcionando o esquema de distribuição gratuita de livros (1963-64), o número de escolas primárias chegava a 7.490, com 927.489 alunos; escolas de nível médio: 2.224, com 222.806; secundárias: 85, para 28.131 alunos; escolas técnicas: 9, com 3.231 alunos; escolas normais: 46, com 6.438 alunos e ensino superior chegava a 3 estabelecimentos, com 2.441 alunos.

Em verdade, o Plano Acelerado de Desenvolvimento, de Nkrumah, lançada em 1952, como algo projetados para um crescimento progressivo, aparentava ser uma visão muito adiante dos tempos vividos até então pelo país, a tal ponto que, mesmo professores não tiveram a capacidade de compreendê-lo. A este imenso projeto de desenvolvimento educacional deve ser somado o expressivo número de jovens ganenses que obtiveram bolsas de estudo em países europeus e nos Estados Unidos, especializando em medicina, engenharia, ciências agrícolas, bem-estar social, veterinária, durante o período que compreende os anos de 1966. Outros jovens também estiveram estudando no exterior como

Israel, República Árabe Unida, Japão e China. Hoje muito desses então estudantes contribuem com sua parcela para o progresso do país.

O desenvolvimento do ensino de nível superior também deve ser destacado. Entre 1961-62 as Faculdades de Gana foram transformadas em universidade e a Faculdade de Tecnologia, de Kumasi, foi transformada na Universidade Kwame Nkrumah de Ciência e Tecnologia . Em novembro de 1962, a Faculdade de Cape Coast estabeleceu uma vinculação especial com Universidade de Gana, ficando com a responsabilidade de formar graduados capazes de suprir o crescente número de escolas de nível médio e técnicas. Nesse mesmo período, foram criados o Instituto de Ensino Público e o Instituto de Estudos Africanos, este como departamento da Universidade de Gana. A política de Nkrumah com relação às escolas técnicas, transformou às de Acra, Takoradi<sup>37</sup> e Kumasi em escolas politécnicas. E, entre 1960 e 1966 um total de treze escolas comerciais privadas foram encampadas pelo governo, com o objetivo de melhorar o nível de ensino.

O interesse especial de Nkrumah pela educação, por certo, se inspirava no que havia visto nos Estados Unidos, e o levara a concluir que o ensino era o único meio disponível para o desenvolvimento individual e coletivo de sua sociedade. Assim, não é de se surpreender a ênfase que Nkrumah deu para o soerguimento, em todos os níveis, dos padrões educacionais, tornando-se estes um ponto crucial de sua política de governo.

Foram criadas muitas escolas, outras tantas foram ampliadas, mas seu alho no setor educacional foi notável no que concerne ao ensino superior e à pós-graduação secundária.

Instituiu o Conselho Nacional de Educação, que, com substancial apoio do *Cocoa Marketing Board*<sup>38</sup>, planejou e executou a implantação de novas escolas em diversas partes do país. Toda a expansão educacional de Gana, entre 1951 e 1966, foi levada adiante face à visão larga e distante de Nkrumah, sua dedicação e sua determinação.

Da mesma forma, o desenvolvimento econômico do país se deve quase por inteiro, a este homem. Foi ele quem construiu o porto de Tema, bem como a cidade portuária que o cerca. Iniciou o Projeto do Rio Volta, capaz de gerar força para a transformação do minério de bauxita em alumínio. E isto foi apenas uma fração do plano industrial para o desenvolvimento de Gana. O acordo final para a construção da barragem hidrelétrica do Rio Volta foi assinado em 1962 e a sua subsequente realização ensejou importante infraestrutura para industrialização de Gana, com conseqüente melhoria dos padrões educacionais, de vida, saúde, e bem-estar social. Hoje, nossos irmãos no Togo e Daomé podem desfrutar do suprimento da mesma eletricidade, com a extensão de linhas até seus territórios.

Outros passos largos foram dados sob a inspirada chefia de Nkrumah. Assim, um grande complexo foi implantado em Tema, com serviços de rádio e televisão; fábrica de tecidos, siderurgia e grupos gráficos. Em outros locais foram implantadas fábricas de carne em conserva, refinarias de óleos vegetais, indústrias de chocolate, fábrica de juta e aproveitamento da polpa de bambu .Nkrumah também trabalhou arduamente com o objetivo

---

<sup>37</sup> - Cidade portuária, ao lado de Sekondi, hoje base militar da aeronáutica.

<sup>38</sup> - Instituto do Cacao, similar ao existente no Brasil, à época, para o café, para o açúcar e

de melhorar as residências. Encorajou a construção de casas pré-fabricadas, visando tornar as habitações mais baratas, e as indústrias desse setor, espalhadas pelo país, ensejaram uma maior oferta de mão de obra nas zonas rurais, especialmente. A imigração para áreas urbanas também foi sustada, eis que foram providos meios para que o homem ficasse ligado à terra.

Nkrumah também iniciou a construção de uma mina de refinamento de ouro em Tarkwa. Quando o emprego de quinze mil africanos esteve sob a ameaça na área de Tarkwa, foi encampada a mina e fundada a empresa estatal *State Mining Corporation*. Trata-se hoje de um empreendimento promissor, especialmente face a descoberta de novos veios de ouro. Uma nova unidade está sendo presentemente construída, entre Tarkwa e Aboso. Também foi alvo de grande preocupação para Nkrumah, em 1955, a iminência de duzentos operários serem despedidos, na zona de Aboso, por falta de produção. Mesmo quando viu a impossibilidade de atender ao desiderato, fez implantar ali, absorvendo a mão de obra, uma fábrica de vidro *S Aboso Glass Factory S* como uma forma de atender às necessidades de seu povo. Assim, ninguém pode jamais acusar Nkrumah de estar tão nas nuvens que era incapaz de sentir as reais necessidades econômicas e, também, de alterar comportamento, se a necessidade impusesse. Em verdade, Nkrumah sempre esteve com os pés no chão.

Num ângulo menos pacífico, Nkrumah formou o Exército de Gana. Estabeleceu um Poder Judiciário eminentemente nacional; criou a Força Policial, e conseguiu aumentar em

muito o número de médicos, já que havia, quando da independência, apenas quarenta e sete para todo o país. Hospitais e clínicas também foram aumentados. Antes de 1951, em Gana, uma pessoa necessitaria viajar milhas para chegar ao mais próximo hospital ou clínica. Muitos desses hospitais ou clínicas eram mantidos com os recursos advindos da autarquia *Cocoa Marketing Board*. Em Acra, apenas, Nkrumah criou seis policlínicas e também fundou alguns novos hospitais.

O Hospital Okomfo Anokye, que ele construiu em Kumasi, ao custo superior a 8 milhões de Cedis (cerca de 8 milhões de dólares) se constituiu num dos mais modernos e completos de toda a África. Também foram construídos hospitais de porte semelhante em Takoradi, Acra e outros lugares. A saúde pública recebia, assim, especial atenção. Então, ele socializou a medicina, tornando-a grátis. E a decisão foi tomada a partir da constatação de que, apenas pequena parcela da população teria condições para pagamento das despesas médico-hospitalares. Mas, para dar pleno atendimento ao seu programa de assistência médica, ele necessitaria de um número bem maior de médicos. Sua atitude, assim, foi fundar a Escola de Medicina de Gana, hoje reconhecida como uma das mais desenvolvidas em termos de medicina tropical. Nkrumah também estimulou tanto o estudo como o uso de medicamentos tradicionais, com base em ervas, os quais seriam aliados às técnicas modernas da ciência médica.

O estabelecimento da Brigada de Trabalhadores e Fazendas do Estado veio a resolver o problema de expressivo contingente de desempregados, que, por esta condição, estavam criando sérios problemas nas zonas rurais. Esses dois projetos aumentaram, por



conseqüência, a produção de alimentos. O abastecimento de gêneros alimentícios era, também, outro sério problema. Nkrumah desejava que os alimentos chegassem a um preço compatível com o poder aquisitivo do povo. Iniciou projetos na área agrícola e implantou a indústria da pesca, bem como conseguiu baixar o preço das lojas, para consumidores populares.

As rodovias também foram consideravelmente estendidas e melhoradas. Algumas das estradas implantadas passaram a funcionar como cartão de visita do país, admirado por viajantes estrangeiros. Mesmo quando Nkrumah foi deposto, em 1966, seus sucessores foram obrigados, pela força da opinião pública, a continuar seu programa de desenvolvimento rodoviário. Muitas pequenas comunidades, outrora afastadas de centros maiores, ficaram acessíveis e seus habitantes tiveram a oportunidade de, pela primeira vez, ver passar automóveis e ônibus. Comunicação e transporte também se processavam com maior rapidez a custo menor e maior segurança.

Nkrumah conseguiu aumentar a quilometragem das rodovias em Gana. Sobretudo importante foi a construção de uma auto-estrada, ligando as cidades de Acra e Tema. Também implantou a ligação Achiasi-Huni Valley-Acra, que veio a encurtar consideravelmente a distância entre a capital e a cidade portuária de Takoradi.

Nkrumah também outorgou ao órgão *Ghana Trades Union Congress*<sup>39</sup> um novo nome e ímpeto, tendo construído para a entidade uma moderna e impressionante sede. Ele sempre considerou como altamente importante o movimento de união do comércio, como

elemento capaz de assegurar a paz industrial e a prosperidade do país. Assim, foi fundada a *All Africa Trade Union Federation*<sup>40</sup>, envolvendo todas as entidades do mesmo gênero na África: foi um dos primeiros objetivos alcançados para toda a África.

A fim de dar suporte à agricultura, criou a *Agricultural Development Corporation*<sup>41</sup> (ADC) que implantou em larga escala fazendas em vários pontos do país. Mais tarde, ele viria a desativar o projeto, por não estar servindo aos propósitos. Mostrou-se muito interessado em mecanizar a agricultura, face o que lhe foi mostrado durante visita à União Soviética. Já de volta, iniciou a aplicar muito do que por lá vira. Na agricultura, trabalhou em cooperação com as Brigadas de Trabalhadores e o *United Farmers Council*<sup>42</sup> (UFC). Ele permanentemente estudou as necessidades da agricultura de Gana, e importou muitas máquinas para o trabalho de campo. Apenas isto já poderia ser o bastante para se considerar como uma revolução agrícola. A importância que Nkrumah deu à agricultura foi exposta de forma eloqüente e clara no discurso que proferiu, em 1962, na Conferência Africana de Agricultores.

Outra das criações de Nkrumah foi reintrodução sistemática de seringais, abonados que haviam sido pelos governos coloniais, em favor das plantações existentes na Malásia. Assim, ele incentivou o cultivo, na região ocidental do país, em longas áreas, de

---

<sup>39</sup> - Congresso dos Sindicatos de Comércio.

<sup>40</sup> Federação dos Sindicatos de Comércio da África.

<sup>41</sup> - Corporação para o Desenvolvimento da Agricultura.

<sup>42</sup> - Conselho dos Agricultores Unidos.

seringueiras e dendezeiros; àquelas serviriam de fonte de matéria-prima para uma fábrica de pneus instaladas no país. Ambos os projetos agrícolas, seringais e dendezeiros, eram subsidiados pelo governo. Não ficam dúvidas de que Nkrumah deitou as raízes do que se tornou numa ampla revolução agrícola no país.

No setor náutico, Nkrumah implantou a empresa de navegação marítima *Black Star Line*<sup>43</sup> e a de navegação aérea Ghana Airways. Ambas serviram para projetar a imagem do Estado e constituíram-se em fonte de orgulho nacional e inspiração para outros países da África negra.

Nas artes, Nkrumah estimulou a Orquestra Nacional de Gana, bem como companhias de teatro. Cooptou a juventude com a implantação do movimento dos Jovens Pioneiros, que atuavam na redescoberta da herança cultural africana perdida. Alguns dentre eles foram integrados à Força Aérea de Gana.

Foi criado, em 1965, o Ministério da Arte e da Cultura, com a missão de busca e reavaliação dos valores culturais perdidos e cooperação com outros Estados africanos independentes.

Nkrumah fundou, da mesma forma, o *Ghana Commercial Bank*, e o *Bank of Ghana*<sup>44</sup>, contra muito ceticismo e crítica. Todavia, as duas instituições são hoje marcos do moderno desenvolvimento comercial do país.

---

<sup>43</sup> - Homenagem à Marcus Garvey, jamaicano que liderou movimentos de negros norte-americanos no início do século 20, e pretendia levar de volta à África o maior número possível de afro-americanos. Para tanto, fundou uma empresa de navegação, cuja experiência fracassou, chamada de Black Star Line.

<sup>44</sup> - Banco Central do país.

O *Agricultural Development Bank* e o *National Investment Bank*<sup>45</sup> S outros dois de seus filhos S continuam ajudando na batalha pela estabilidade econômica; e O Secretariado das Empresas do Estado, adiante transformada em Corporação Industrial Ganense S constituiu-se numa revolução em termos de desempenho e orgulho do país, bem como confiança no futuro, pois em muito de sua ação dependerá à solução para o problema de moeda estrangeira. É claro, os planos de Nkrumah, especialmente os financeiros, receberam muitas e ruidosas críticas. Foi acusado de desperdiçar fundos públicos. Mas, a medida do acerto podia ser dada pela compreensão de visitantes estrangeiros, que se sentiam a profundidade da obra que ele encetava.

Mesmo os órgão de imprensa que ele implantou, como a Agência de Notícias, o Jornal Nacional e a televisão, acusados de estarem sendo usadas para fins partidários, provaram ser necessários e bem estabelecidos, não sendo, após o uso, abandonados.

Em verdade, quase tudo que se pode considerar como necessário para um Estado moderno, foi criado por Nkrumah. Seus erros, como foi dito, surgiram da determinação de, sempre que possível, fazer o melhor. Ele veio a ser tornar para Gana o mesmo que Winston Churchill foi para a Inglaterra, durante a II Guerra Mundial: um líder de envergadura e inspiração; um mentor, um guia e mestre. Foi, para Gana, o mesmo que Nasser representou para o Egito; ou Haile Sallassie<sup>46</sup> para os etíopes, quando Mussoline conquistou territórios

---

<sup>45</sup> - Banco de Desenvolvimento Agrícola e Banco Nacional de Investimento.

<sup>46</sup> - Haile Selassie, portador do título nobiliárquico nacional de Ras Taffari Makonnen. Viveu entre 1892 e 1975, tendo sido imperador da Etiópia de 1930 a 1974. Após a invasão italiana a seu país, em 1936, exilou-se na Inglaterra, retornando com as tropas Aliadas, em 1941, quando foi-lhe restituído o trono. Veio a ser deposto por golpe militar em 1974.

do leste africano, em 1935.

Isto, apenas um breve sumário da obra de Kwame Nkrumah durante o relativamente curto espaço de quinze anos. E qualquer coisa que se enfoque, haverá de mostrar que ele foi um grande homem, aquele que, efetivamente, criou Gana como um estado moderno, libertando-o do jugo colonial.

## 7 A OUTRA FACE DA MOEDA

Desde que Nkrumah retornou a seu país, em 1947, para desempenhar seu importante papel na luta pela independência, muito foi escrito e comentado a seu respeito. Muitas críticas foram positivas; outras tinham o objetivo de derrubá-lo. Nessa minoria estava um grupo ativo de intelectuais os quais, quase unanimemente, sofriam de ciúme face ao sucesso de Nkrumah, nos diversos campos de sua atividade.

Ao longo de dezenove anos, o relativamente pequeno grupo de seus oponentes empenhou todo o seu esforço para mostrar uma imagem distorcida de Nkrumah. Eventualmente, tornaram-se vitoriosos com o golpe perpetrado em 1966, quando ele foi deposto, enquanto empreendia uma viagem a Hanói, no Vietnã do Norte.

Os que, então, se apossaram do governo declaram haver assim agido para libertar os ganenses das garras de um demoníaco e desorientado ditador. Entretanto, os primeiros passos que ensaiaram foi saquear tudo que ele possuía: apoderaram-se dos pertences de um minímuseu existente no Palácio do Governo<sup>47</sup>, incluindo pepitas de ouro, jóias e outros artigos de valor, presentes recebidos ao longo de seus mandatos. Também em seu gabinete de trabalho, no Palácio, nada foi deixando.

Os homens que haviam sido preparados por ele, e em quem confiava, voltaram-se violentamente contra si. Ele poderia ter retornado na semana do golpe ao país, já que

amigos fiéis haveriam de dar-lhe toda a solidariedade. Entretanto, de Pequim, onde recebeu a notícia de sua deposição, retornou para a Guiné, onde o líder progressista, presidente Sekou Toure, prestou imediato apoio e acolheu-o com simpatia.

Mas, em Gana, o veneno dos novos senhores corria à solta. S conhecidos abusos dos vitoriosos sobre um líder caído, fizeram iguais todos os atos de sua administração. Foi julgado à revelia, quando fantásticas acusações recaíram sobre si. O mesmo ocorreu com seus ex-ministros e todos os que a ele se vincularam. Presos, estes, tinham de recordarem-se, sem acesso a documentos, de atos praticados, não podendo, assim, fazer qualquer tipo de defesa.

Tais acontecimentos magoavam Nkrumah. Ele chegou a afirmar que os novos líderes de seu país poderiam, por seus atos, fazer retroceder em vinte e cinco anos o progresso até então atingido. A fé esboroava-se: "não é só do pão que vive o homem, mas das palavras de Deus...", foi um alerta nunca levado em consideração. A reputação de Nkrumah começou a decair. Intelectuais da Universidade de Gana e advogados montaram seus palanques onde expuseram, de forma volúvel e amplamente, as faltas e falhas da administração Nkrumah. Citavam a lei da prisão preventiva; a demissão de juízes; a transformação do sistema político, com a criação de um único partido político e o suporte financeiro dado pelo Estado. Também o acusavam de haver espoliado grandes quantidades de ouro que os ingleses haviam deixado em Gana. Insistiam que muito desse dinheiro fora desperdiçado no estabelecimento de campos e treinamento para os Guerreiros da

Liberdade, um projeto sem sentido para a unidade e liberdade da África. E tudo isto ocorria enquanto o povo não dispunha, em casa, de alimentos básicos como carne, açúcar, leite e manteiga. Segundo essas acusações, ele teria mascarado, todo o tempo, um imenso mar de ambições, enquanto se dizia patriota e interessado no desenvolvimento nacional.

Mas, como toda moeda sempre tem dois lados, pode-se, por honestidade, afirmar que, para os grandes projetos empreendidos por Nkrumah, foram, aqui e ali, cometidos erros e deficiências, e ele não seria humano se não os houvesse cometido.

Não obstante, e fora de qualquer dúvida, a oposição contra si surgiu mais por ciúme e facciosismo político. Para traçar o caminho que se propôs seguir, naturalmente, fez inúmeros inimigos, muitos deles poderosos, quase sempre tendo como núcleo o que restou dos partidos de oposição, após a chegada do CPP ao poder.. Houve, por exemplo, o Movimento Nacional de Libertação (NLM<sup>48</sup>), cujos métodos de oposição não ficavam em nível inferior ao da chacina, e que tinha como cidadela a Região Ashanti. Num ato dessa organização, a irmã de um dos ex-ministros foi assassinada à luz do dia por membros do NLM. Tratou-se, sem dúvida, de um ato deplorável e nefasto.

A violência na Região Ashanti se espalhou em direção ao sul. Na capital, Acra, certa feita, enquanto conversava com amigos, sua residência, no bairro Lagos Town, foi sacudida sacudida por violenta explosão.

Tais fatos ocorreram, mesmo antes da independência, e servem para mostrar os meios de que se valiam os inimigos de Nkrumah, a fim de alcançar seus objetivos. Com tal



tipo de oposição, seria impossível a qualquer governo manter uma aparência de democracia, segundo o modelo tradicional britânico: far-se-ia necessário dar um especial enfoque à segurança pública, como forma de manter o país sob controle. Um comportamento, então, menos enérgico poderia levar o país facilmente ao caos. Estas, em essência, as razões que o levaram a adotar o sistema de partido único do Estado.

Já em 1958, somaram-se fatos que evidenciavam um projeto de golpe contra Nkrumah. Ao lado disto, desenvolvia-se uma insidiosa campanha de difamação. O mesmo viria a ocorrer mais adiante, em 1962, quando uma tentativa de assassinato resultou infrutífera. A bomba que o tinha como alvo acabou por atingir, ferindo, muitos inocentes. Houve outros casos de violência, como a explosão de bombas em Acra e uma greve dos ferroviários, tudo instigado por seus oponentes.

Outras tentativas de assassinato ou de deposição, envoltas em atos de violência, ocorreram entre 1963 e 1964, como a explosão da estátua de Nkrumah postada em frente ao Parlamento, em Acra, quando, novamente, inocentes foram gravemente feridos. Noutro episódio, no Palácio do Governo, Nkrumah foi atacado por uma sentinela, a serviço de elementos subversivos. Cinco tiros contra foram disparados, tendo morrido um dos seus assistentes. A imprensa imperialista, apesar das ocorrências, se mantinha complacente. Desejosa, mesmo de ver removido o homem do oeste africano que se tornara um espinho em sua carne.

Assim, a lei da prisão preventiva foi editado como medida extrema para tentar deter

a violência e a subversão. Nenhum governo, no mundo, toleraria uma oposição que se mostrava tão intransigente, irresponsável e fora da lei. As medidas adotadas por Nkrumah tinha por objetivo único proteger os interesses nacionais. Manter a segurança pública é dever mínimo da autoridade pública. Diziam, então, que ele havia destruído a democracia em Gana. Em verdade, seus oponentes é quem minavam a democracia, ao desafiam a lei e instigarem a violência, de tal sorte que uma administração que atuava ordeira e pacificamente, se via intimidada e sabotada.

O vazio de muitas das acusações contra Nkrumah ficou sobremodo exposto quando seus oponentes, tendo logrado sucesso em seu golpe de 1966, apressaram-se em se aproximar de milhares de líderes do CPP. Eles também se mostravam repressivos e severos, no seu esforço para esmagar toda a oposição ao seu recém criado governo, e sua ação repressiva não tinha propósito algum, não visava a libertação, objetivos ínsitos nas medidas de Nkrumah.

Muitas prisões foram feitas, inclusive de um agente de segurança que integrara à missão oficial de Nkrumah à Hanoi: do aeroporto de Acra ele foi levado preso, num desfile pelas ruas da capital, até a prisão de Forte Ussher. Essas vítimas eram, a seguir, mantidas presas por períodos que variavam de três meses a três anos. A imprensa estrangeira, curiosamente, mantinha-se silente a respeito do que ocorria.

Após a queda de Nkrumah, em 1966, os que governaram Gana eram, em grande maioria, originários dos grupos que haviam provocado as desordens do pós-independência — afinal, o leopardo não muda seus hábitos. Não ocorreram melhoras na administração de

Gana, fazendo com que as promessas de antes se tornassem vazias e fúteis. Chegou a ser editada lei que proibia fosse portada em público a fotografia de Nkrumah, sob pena de prisão. O absurdo foi tão expressivo, que a nova lei mereceu rito de urgente, e o Parlamento foi obrigado a, em dezessete horas e meia, após sofrer todas as tramitações regimentais, aprová-la. Mas, antes disto, duas mil cópias da fotografia de Nkrumah foram vendidas, em questão de minutos, a uma massa que se agitava num comício em Kumasi.

Nkrumah foi constantemente acusado de demitir juízes. Mas os juízes que ele afastou foram aqueles que entravavam a obra governamental. Ele não teria outra alternativa para manter a autoridade. E o caminho que seguiu, para a obtenção de poderes necessários para afastar juízes, foi através de plebiscito, onde noventa e cinco por cento dos eleitores votaram a favor. E, mesmo quando chegou a demitir juízes, buscou uma alternativa de novo emprego para aqueles: muitos foram indicados para cargos de direção em empresas estatais.

E seus opositores, quando no poder, não se mostraram mais brandos. Eles viriam a, da mesma forma, demitir juízes que não atendiam a seus apelos; demitiram editores de jornais que os criticavam. Um dos líderes chegou, mesmo, a afirmar que, investidos no poder como estavam tinha de fazer alguma coisa, pois "quem paga o músico, exige o tom..."

Por fim, quinhentas e sessenta e oito pessoas foram demitidas do serviço civil; do magistério e das empresas estatais, sem que tivessem direito a qualquer tipo de defesa. Em contrapartida, ao tempo de Nkrumah, não se pode apontar qualquer demissão de servidor público, pelo contrário, muitos foram promovidos.

Nkrumah sempre teve em seus planos fazer de Gana um Estado baseado num firme e amplo consenso político. Desejava que todos trabalhassem para o bem da nação. Poderia ser um sonho, mas era um sonho de liberdade, e construtivo. Após o golpe de 1966, quando tantos ganenses sofreram, pode-se ver a acuidade de suas crenças. A minoria passou a dominar a maioria. Sem o pensamento e ação de Nkrumah, Gana não teria alcançado a estabilidade econômica, base essencial para alcançar a independência política e, mesmo, uma identidade cultural.

No fim, os que removeram Nkrumah, em 1966, não tiveram condições de dismantelar o que ele havia feito por seu país. O essencial do sistema implantado permanece hoje e continua a ser operado, para o bem de Gana e do povo . Mesmo a despesa na construção da praça da Estrela Negra e do *Job 600*<sup>49</sup>, em Acra, se justifica inquestionavelmente pois continuam a ser objeto de prestígio e orgulho nacional.

É verdade que os ingleses deixaram dinheiro em Gana. Todavia, o quê mais deixaram após cento e treze anos de domínio colonial? Deixaram praticamente nada — apenas umas poucas estradas, escolas, hospitais e praças. O novo Estado de Gana necessitava urgentemente de uma mão forte e firme para guiá-lo em seus primeiros anos de formação. E, é certo, foi exatamente isto o que Nkrumah fez. Ele prestou um grande serviço ao seu emergente país, e abriu amplos caminhos para o aprendizado e o saber, que vieram a beneficiar milhares de nacionais, os quais, de outra forma, teriam ficado à margem de

---

<sup>49</sup> - Prédio com mais de dez andares, próximo à Praça da Estrela Negra, utilizado hoje como anexo do Parlamento de Gana. Era a obra número seiscentos de um mesmo empreiteiro.

tudo. Deu novas oportunidades e novos horizontes para muitos. Esperanças brotaram, tanto para povos de Gana quanto de outros países africanos.

Nkrumah usou parte do dinheiro que herdou do período colonial para pagar vantagens devidas a cerca de setecentos empregados do regime colonial, que deixaram Gana, quando da independência. E deve registrar-se que, quando do golpe de 1966, havia um superávit de sessenta milhões no erário público. Logo em seguida, os sucessores gastaram um total de dezoito milhões, e não muito adiante chegava-se a um déficit de seis milhões.

Por certo, os resultados imediatos do golpe foram os racionamentos de produtos essenciais como açúcar, leite, carne em conserva e sardinhas. Tornou-se moda esquecer os sucessos de Nkrumah e enfatizar seus erros. Mesmo a viagem de boa fé empreendida por à Hanói, que viria a se constituir numa desculpa para o golpe, tinha sido planejado como um ato de cooperação — como representante da Comunidade Britânica da Nações, como um todo. Nkrumah, na oportunidade, desejou ser um mediador na longa e trágica guerra do Vietname, intenção reconhecida mesmo pelo governo dos Estados Unidos da América. Se a missão houvesse chegado a bom termo, milhares de vidas humanas teriam sido poupadas. Era um empreendimento para a humanidade e não apenas para Gana.

Também a crítica que recaia sobre empresas governamentais, como a *Ghana National Trading Company*<sup>60</sup> (GNTC) não é aceitável. É verdade que encampou, sem qualquer compensação, o patrimônio da *Commonwealth Trust Limited*, que fora implantada

pelo governo colonial em 1918, mas que, legalmente, passou a pertencer ao povo de Gana a partir de 1926. Tal empresa, por longo tempo, se furtou ao pagamento de impostos e taxas ao país. Outras transações similares realizadas por Nkrumah tinham a mesma base, embora os imensos interesses que contrariavam, nunca hesitou em tomá-las e aumentou, por conseqüência, o círculo de seus opositores.

Todas estas medidas contribuíram, sobretudo, para aumentar o apoio financeiro e o discernimento do povo, e também o prestígio e experiência de tais instituições, como o Banco de Gana, que, em 1962, pela primeira vez, teve um Governador nativo. Era o ex-embaixador junto a Washington, que se tornou, nos anos seguintes, o principal assessor de Nkrumah para as matérias de finanças. Não existe qualquer prova da suposta transferência, com a aprovação de Nkrumah, de enormes reservas financeiras para instituições na Suíça. Muitas dessas alegações divergentes, situam-se na casa da intriga e do boato. A dúvida parece colocar-se a favor dele. Se porventura houve corrupção ou malversação de fundos nacionais, isto teria ocorrido sem conhecimento e apoio de Nkrumah.

A mais, prova de inocência da imputação de desregramento é apoiada no fato de, ao tempo do golpe de Estado de 1966, após quinze anos na presidência, era fácil constatar que ele não possuía qualquer bem imóvel em Gana. Sequer, pessoalmente, possuía um automóvel. Em seu testamento, descoberto adiante no Palácio do Governo, instituía em favor de seu partido político qualquer bem que houvesse em seu nome.

A GNTC expandiu em muito suas operações, entre 1962 e 1965. Mas os lucros

---

<sup>50</sup> Empresa Ganense de Comércio.

decreceram sensivelmente, entre 1966 e 1969, tornando-se pior ainda nos dois anos seguintes, surgindo a impressão de que os novos administradores não estavam capacitados para aquelas tarefas. Todavia, a falta de apoio governamental talvez seja a melhor resposta. Uma vez extinto o monopólio, foi assegurado o surgimento de competição comercial, o que, não era, enfim, o melhor para o povo. Inúmeras empresa neo-colonialistas valeram-se do fim do monopólio da GNTC para retornar à Gana, por razões puramente comerciais. Era um desafio aos ideais de Nkrumah, e uma vitória do imperialismo, postarem-se lado a lado empresas estrangeiras e àquelas do próprio povo ganense.

Também nenhuma das alegações de suborno e corrupção durante a administração de Nkrumah pode ser comprovada. Os fatos relativos às operações da GNTC podem ser completamente examinadas: foi, ao longo de sua administração, uma legítima e íntegra corporação, com o objetivo final de servir ao povo de Gana. Os resultados operacionais, ao tempo de Nkrumah, foram parar nas mãos do Estado, ao invés dos bolsos de indivíduos, como passou a ocorrer num largo período, após o golpe de Estado de 1966. Mesmo alguns dos ministros de Nkrumah perderam dinheiro face às transações que objetivavam conseguir para o Estado os pináculos da economia. Ele pode haver calculado mal seus objetivos financeiros; mas não pode restar dúvida de que, ao fim, o alvo visado era o de servir e assistir ao povo.

A forte crítica emergente à Nkrumah e sua administração, após o golpe de 1966, era, em seus aspectos mundano e financeiro, os de mais difícil contestação. Todavia, mesmo essas observações, baseadas como foram, sobre detalhado e minucioso estudo dos

fatos financeiros disponíveis, devem ser suficientes para indicar a grande injustiça que foi cometida tanto às intenções quanto às conquistas de Nkrumah, em sua política relacionada ao renascimento econômico e consolidação de Gana. É uma suprema ironia que seus oponentes, mesmo aqueles que ainda o criticam, sejam obrigados a conviver com a prosperidade e poderio econômico criados por Nkrumah, durante os muitos anos de seu frutuoso labor.

Existe, a mais, a crítica mais difundida de que Nkrumah, progressivamente, envolveu o país num culto à sua pessoa, ou na imposição em seu país de uma tendenciosa espécie de ideologia, estranha à democracia e à livre expressão de vontade de seu povo. Este é um tema mais amplo e sombrio, que não pode ser negligenciado, mas que não cabe nas considerações financeiras que se constituíram no tema deste capítulo. Assim, a crítica reiterada que se tem levantado contra a ideologia do *Nkrumahismo* fica reservada ao capítulo seguinte deste livro, na medida em que iniciaremos por citar trechos de um discurso elaborado pelo diretório regional do estado Ocidental, do CPP, no ano de 1964. Talvez seja importante que seu conteúdo possa, assim, ser relevante e verdadeiro, apesar da barreira e do intervalo, surgidos com a inesperada deposição de Nkrumah, dois anos adiante.



## 8 *NKRUMAHISMO*

*Nkrumahismo* é a ideologia do Nacionalismo Africano, como se opera presentemente. Para Gana, o Nacionalismo Africano não é novidade. No longínquo 1844, ou mesmo antes, chefes e anciãos já se mostravam imbuídos do espírito de um certo nacionalismo. Mais recentemente, a centelha que deu significado verdadeiro, impulso e motivação a qualquer forma de nacionalismo que tenha existido em Gana, é a ideologia do *nrumahnismo*, que se constitui, é evidente, numa força muito vital e dinâmica na África negra de nossos dias.

Exatamente por isto se faz importante e necessário, também, tentar descobrir, tão exato quanto definitivo possível, qual o significado da ideologia *nkrumahismo*. Não é fácil de conceituar — como nunca foi — mas sabe-se que sempre desempenhou um poderoso efeito sobre Gana e a África em geral, bem como no relacionamento deste continente com o mundo todo. Na sua expressão mais simples, é claro, representará a persistência, a política e a personalidade de Kwame Nkrumah, muito além do período de sua administração em Gana.

É por causa dessa sobrevivência, da influência de Nkrumah que ele se qualifica para ser aceito como uma figura histórica, durável, grave e memorável. Mesmo seus sonhos e profecias marcaram profundamente tanto Gana, quanto a África negra, como um todo. Ele foi feliz na promoção de seus mais importantes planos — intelectuais, sociais, espirituais e

políticos.

A África foi, por muitos séculos, regida por forças européias. Aqueles que leram a história de diversos impérios coloniais, devem estar alertados sobre episódios tais como a *Partilha da África* e posse do Continente por potências européias. Cada um dos países europeus procurou aplicar sua política e método sobre os seu cativos no território africano: nenhum deles reagiu de forma idêntica às necessidades e desafios da miscelânea que ficou o Continente Africano.

Na sua maior parte, os povos africanos eram então considerados e usados como geradores de matéria-prima abundante e barata, para abastecer os mercados manufatureiros da Europa. Assim, eram pouco estimulados a, também, processarem industrialmente suas matérias primas. Os senhores coloniais, da mesma forma, sempre viram nos africanos uma fonte barata de mão de obra, não apenas para o labor na própria África, senão que em distantes plantações das Índias Ocidentais, onde o intenso calor tropical podia ser suportado, eis que de condições climáticas semelhantes. As potências coloniais — Inglaterra, França, Portugal e Espanha compactuavam para a utilização da África em seu benefício próprio. O continente era visto como fonte de sustento para os lares europeus.

É verdade, também, que a Inglaterra foi o primeiro dos países europeus a se dar conta de que chegaria o momento em que seria possível outorgar a independência política, social e cultural a certos países africanos. Tratava-se da política conhecida como de “ integração” , e para sua implementação os ingleses geraram uma elite nativa que eles

criaram como emuladores das massas desprovidas de educação, cultura e responsabilidade política.

Nas colônias francesas da África havia um quadro semelhante, a política batizada de "assimilação", mas que, pelo contrário, buscava criar clones franceses nos povos africanos. Portugal, por seu turno, agiu de forma bastante diversa, buscando, por todos os meios, preservar os territórios africanos como parte da metrópole. A presente situação em Angola e outros territórios provou quão desastrosa se mostrou a política portuguesa, no mundo moderno.

Apesar de tudo, toda a política colonial e as atitudes européias, jamais conseguiram conquistar ou subjugar plenamente o espírito nativo — sua história, cultura, tradição e intenções não foram substancialmente tocadas. O gigante africano esteve, por muito tempo, como um vulcão adormecido, pronto para entrar em ação, assim que a oportunidade surgisse.

O Dr. James Emman Kwegyir Aggrey, nos passos de quem Nkrumah seguiu quando jovem, profetizara que *"um novo movimento irá em breve pasmar o mundo"* , tendo, a mais, exortado *" Ergue-te e brilha, ó Mãe África, pois a luz e a liberdade chegarão em breve"* . Foi também ele quem disse: *" A África é uma interrogação entre os demais continentes...ela é uma águia e não uma galinha"* . *" Águia, tu és uma águia; tu pertences aos céus e não à terra; abre tuas asas e voa!"* Com tão poderosos pensamentos Dr. Aggrey estava a antecipar o surgimento da Revolução Africana, a qual os homens mais comuns deixaram para líderes como Kwame Nkrumah, a missão de com alma e espírito

criativo buscar uma política de liberdade e independência.

Todos os movimentos nacionalistas na África, inclusive o CPP nasceram de tais desejos de ideias. Eles tiveram sucesso — quando assim o fizeram — normalmente pela vontade e determinação dos povos comuns da África, que não mediriam sacrifícios na obtenção do objetivo final. Lutaram sempre e constantemente contra as minorias de defensores do poder colonial.

Apesar de tudo, a obtenção da independência sempre foi tida como um começo e jamais como um fim em si. O objetivo maior foi sempre a criação e manutenção de melhores condições de vida para os povos africanos. E este, enfim, é um dos princípios sobre os quais a ideologia Nkrumah está assentada.

O *nkrumahismo* também nos alerta dos perigos inerentes à adesão aos seus próprios objetivos e políticas. Alerta-nos contra a complacência e contra o inconseqüente uso dos "frutos da vitória". Os novos líderes, afirmou um dia Nkrumah, *"podem, inclusive, desenvolver o gosto pelo prestígio e posição. E nesse desejo e diligência de manter posições poderão entrar em aliança com os poderosos contra os quais lutaram — em verdade, com os remanescentes do imperialismo — de tal forma que, embora a inicialmente não escondida dominação do poder europeu se torne inexpressiva, tais líderes, apesar de tudo, poderão vir a se tornar marionetes do imperialismo econômico, nos Estados africanos que, nominalmente, se tornarem independentes. Será, então, criada uma rápida e ampla corrente de subversão e subterfúgio, que se tornará perigosa na medida em que cresça e se torne poderosa"*.

Nkrumah, também, conseguia ver o bastante longe para perceber os perigos, tanto quanto as possibilidades, do movimento nacionalista em Gana. Havia, da mesma forma, outro aspecto e feição de sua verdadeira e tolerante grandeza. O colonialismo deveria ser ainda guerreado, mesmo após o atendimento e proclamação das linhas mestras da independência política. A tendência do colonialismo seria a de se perpetuar, mesmo com a estrutura de emancipação política, valendo-se, então dos poderes econômicos e financeiros, mais do que o legal ou o político. Fazia-se, pois, mister a existência de um verdadeiro homem de estado, capaz de discernir entre as sutilezas de um processo de dominação. Mas Nkrumah nunca recusou enfrentar tal posição. Em verdade, tal discernimento poderia ter levado seu país, se ele tivesse sido ouvido, a um sucesso ainda maior.

É verdade que sempre esteve mesclado ao pensamento de Nkrumah grande dose de socialismo. E assim teria que ser, sob pena de Gana, um jovem e inexperiente Estado soberano, cair nas mãos gananciosas de empresas que desejariam, certamente, encher seus bolsos, sem retribuir ao país em nada. Mas é bom deixar claro que a maneira pela qual Nkrumah via o socialismo era num conceito eminentemente africano, amparado apenas aqui e ali nos modelos europeus, ou, mesmo, marxista. Foi, sim, moldado em fortes e ardentes tradições africanas, herdado diretamente da sua sociedade tribal.

Em primeiro lugar, estava o ser individual e espiritual, com invioláveis e sagrados direitos. Os akans<sup>51</sup> têm um provérbio que afirma: "Ninguém é filho da terra; todos somos filhos de Deus". Se, em verdade, somos todos filhos de Deus, então todos temos deveres

uns para com os outros. Cada um de nós, assim, é um guardião de seu irmão. Esta noção de irmandade e amor ao próximo é o próprio embasamento do socialismo pregado por Nkrumah — e faz-se por demais evidente que isto teve por princípio a origem africana e não a inspiração européia de "fraternidade", da Revolução Francesa de 1789. Cada africano, segundo Nkrumah, é um indivíduo com autodeterminação, que não pode ser usado como ferramenta, ou implemento. Ele é, também, um ente social, que só poderá se expressar e encontrar sua real identidade, numa sociedade, para a qual deverá contribuir com sua parcela de trabalho e pensamento, para o bem de todos.

O conceito humanista de homem e vida que geralmente envolve a sociedade africana impõe um dever. Dever de saber que ele é um guardião de seu irmão e que, da mesma forma, tem por obrigação zelar pelo seu bem-estar — um dever, pois, social, moral e econômico. Muito disto é socialismo, por certo, mas Nkrumah foi quem moldou à atualidade esse conceito nativo. Ele demonstrou a necessidade de promover este tipo de socialismo africano, sem imitar os modelos europeus. E esta foi a doutrina que, efetivamente, supriu as bases da ideologia para a independência da África negra e não apenas para Gana.

Houve sempre, na persistente visão de Nkrumah, bem como em seu propósito fundamental, a noção da memorável alegoria do Dr. Aggrey sobre a águia, como uma comparação entre a necessidade e o destino da África. Nkrumah desejou, deste modo, acender uma chama de independência e esclarecimento, que afetaria todo o continente, dando nova vida e validade a velhos e intrínsecos valores, e introduzindo-lhes novos e mais

---

<sup>51</sup> - Povo integrante do maior conjunto de nações-Estado que viriam a compor Gana.

poderosos elementos. Fazia-se necessário afirmar a cultura étnica, política e as bases para a comunidade de um novo socialismo africano.

Isto era, ao fim, precisamente o que Nkrumah desejava alcançar — não apenas em Gana, mas em qualquer lugar. Se o projeto não se constituiu sempre em sucesso, não se pode esquecer que a meta era imensa, os meios limitados e fragmentados e que o conteúdo poderia ser obscurecido e diluído. Mas, assim, são todos os desejos e intenções humanos. Não fora assim, os homens seriam deuses; e nem todas as qualidades de Nkrumah o levariam a tal altura.

Mas, mesmo assim, Nkrumah esteve sempre consciente de que Gana, da forma como a implantou, não iriam ser reproduzida similarmente em outras sociedades e contextos africanos. Gana não iria ser cegamente seguida pelo restante da África negra; nem iria ser aceita como papel carbono, a ser usado pelos emergentes Estados africanos. De fato, era de maneira a produzir seu próprio socialismo, diferente do modelo europeu ou do movimento internacional, que George Padmore veio a chamar tais ideais como *nkrumahismo*. Este, enfim, deve ser muito especial para Gana e para toda a África.

Para enfeixar tudo, o *nkrumahismo* é uma filosofia socialista não estética. Busca aplicar o conceito ou ideologia socialista e a teoria política de forma geral, mas, diferenciadamente, face às condições e problemas peculiares da África. Visa, da mesma forma, utilizar as mais genéricas noções do socialismo mundial, sem descartar o que é importante oriundo das tradições africanas; sem esquecer que a África jamais poderá ser outra Europa, outra América, ou mesmo uma Rússia ou uma China, em qualquer de seus

objetivos e anseios. E que, acima de tudo, todavia, não deverá permanecer qualquer tipo de dominação — pelos vestígios do colonialismo, de ricos sobre os pobres, de uns poucos sobre muitos — no âmago do Estado. Tudo isto deverá ser debitado aos velhos e maus dias do passado. Assim, de forma resumida, se pode afirmar que o *nkrumahismo* é uma forma militante de socialismo, e aqueles que abraçarem seus objetivos e ideais não devem medir esforços na luta constante para erradicar os efeitos do colonialismo e do imperialismo, e contra a exploração do homem pelo homem, seja lá de que forma ela se apresente.

A ideologia de Nkrumah, natural e inevitavelmente, deseja colocar em prática certas idéias básicas e fundamentais socialistas, que compartilha com outras filosofias socialistas e crenças do mundo. Assim, busca criar uma sociedade onde existam oportunidades iguais para todos; idênticas chances para educação e igual abertura para todas as coisas boas da vida, de tal forma que todos e cada um possa desenvolver plenamente suas potencialidades. É claro que se trata de um objetivo muito nobre, e um conceito de elevada inspiração, e que haverá de ter sempre como obstáculo a transpor, e aí reside a dificuldade no atingir, os problemas de nossa moderna e complicada sociedade.

O *nkrumahismo* reconhece a comum e urgente necessidade de alimento, saúde, habitação, lazer, religião, vestimenta, e, também, arte. É um dos seus princípios essenciais que o ser humano nunca deveria ser privado de tão básicas necessidades. Faz-se mister criar, também, em Gana e noutros locais, uma nova sociedade na qual não haja nem o explorador, nem o explorado; nem o rico, nem o pobre, nem o opressor, nem oprimido. Haverá de ser uma sociedade para a qual cada um contribuirá de acordo com suas



habilidades, e que cada um receberá de acordo com suas necessidades. É certo que Nkrumah não estudou ciência políticas por nada, durante sua permanência nos Estados Unidos da América e no Reino Unido. Recolheu, para adaptação e aplicação, importantes noções do socialismo anglo-saxão, as quais, alteradas e adaptadas às necessidades e história africanas, serviriam muito bem para o despertar do Continente.

O que Nkrumah propôs foi sumariado, segundo suas próprias palavras: *"uma sociedade na qual a pobreza dos chamados pobres e a riqueza dos chamados ricos sejam misturadas, em favor de todos"*. A ideologia do *nkrumahismo* não tem por pretensão, apenas, a criação de um Estado de bem-estar, copiando de forma muito submissa os modelos inglês ou europeu. A idéia pode ser também entendida, segundo pronunciamento de um orador anônimo, proferido em 1963: *"Se um Estado taxa aqueles que são abastados, como meio de ensejar melhores condições para a maioria, enquanto, ao mesmo tempo, estimula o desenvolvimento da livre-empresa até um ponto em que exista, verdadeiramente, um capitalismo de classe, isto poderia criar o que foi descrito como um Estado de bem-estar. Mas a idéia de Estado, valendo-se de seu poder político para criar uma sociedade na qual ele provê as necessidades básicas dos cidadãos, do berço ao cemitério, ou do ventre ao túmulo, então tem-se uma idéia de socialismo e não de um Estado de bem-estar. Este, pois, o tipo de sociedade que o nkrumahismo prega e ensina..."*

O *nkrumahismo* é uma filosofia não doutrinária e que tem por meta mais imediata encontrar meios para enfrentar a situação peculiar criada pelo imperialismo e o colonialismo.

É o que se pode chamar de anti-capitalismo, mas não é um sistema filosófico abstrato. Tem definidos e concretos objetivos a saber: uma reforma social tendo por escopo a abolição do poder social, e a libertação de cada um dos Estados africanos de uma servidão política e econômica a interesses de além mar. A propriedade, em geral, deverá ser usufruída pelo povo, coletivamente, através do Estado.

O *nkrumahismo* apela para a responsabilidade, tanto individual quanto coletiva, o que tem sido algo necessário, tanto antes quanto após a independência de Gana. O ponto a sublinhar é que os reais problemas e necessidades de um país aparecem com todos os seus detalhes e contornos após a conquista de sua independência e quando se põe a caminho de sua verdadeira autodeterminação.

Uma coisa é um povo entusiasmar-se com a idéia de independência. Outra coisa será trabalhar duramente, despojando-se das necessidades mais mundanas, na tarefa de consolidação dessa independência, em termos de prosperidade econômica e justiça social. Os faladores podem ser relutantes, quando solicitados à arremangar a camisa e trabalhar!

A ideologia do *nkrumahismo*, da mesma forma, pertence primeiramente a Gana e, através de Gana, a toda a África negra. Seus sucessos, em Gana, podem ser medidos e avaliados em termos de estradas, escolas, hospitais, e outras obras, custando milhões de libras. Tais sucessos devem continuar mostrando o fervor e patriotismo — cuja importância do trabalho de comunidade e a importância da ação evocam símbolos dos tempos de Nkrumah em Gana.

Há outro aspecto da ideologia do *nkrumahismo* que não pode passar

despercebido que é a hostilidade à fragmentação ensejada pelo tribalismo, como ocorre em qualquer parte da África. Ele acredita, em verdade, na urgente necessidade de normas fortes e centralizadoras, bem como na colaboração internacional para todos os segmentos da África negra. Seu propósito seria a criação de um governo federal para toda a África, consolidando a unidade, propósito de todos os habitantes naturais do continente. Mas, é claro, trata-se de um sonho, cuja realização não pode estar próxima e que demandaria encontrar muitos e insuperáveis obstáculos tais como tradição, cultura, língua e economia.

O *nkrumahismo* não é hostil à religião. Não se trata de uma religião e não se dispõe a substituir qualquer forma de religião. É uma filosofia que amplamente reconhece o direito de todos à liberdade de crença, segundo ditames da consciência. De respeito ao direito dos pais para escolha da educação e religião dos filhos. Encontra-se com a religião quanto aos conceitos de justiça, irmandade, cooperação e paz.

O *nkrumahismo* é materialista apenas quanto ao seu desejo de busca da melhora dos padrões econômicos e sociais. Acredita na capacidade de serem juntadas todas as energias de um povo — humanas, sociais e econômicas —, para um objetivo específico, qual seja o bem de toda a nação. Ainda cedo, na luta pela independência de Gana, Nkrumah lançou o dito: "Buscai primeiramente o reino político, e todas estas coisas vos serão acrescentadas"<sup>52</sup>. E este foi um dos princípios básicos do Nacionalismo Africano, bem como dos próprios rumos traçados por Nkrumah, em Gana. A ideologia de Nkrumah,

---

<sup>52</sup> - Parafrazeando Mateus, 6:33 Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas".

em seus princípios, não se tratava de algo material ou tangível; tinha como meta o espírito da liberdade política e seu reconhecimento, bem como a remoção dos grilhões do colonialismo e do comando externo.

Por outro lado, o *nkrumahismo* nunca procurou mistificar que a obtenção da independência seria tudo. A autodeterminação econômica é tão importante e, às vezes, mais difícil de ser alcançada, face às peculiaridades do mundo moderno. Daí o cuidado com que Nkrumah procurou tratar do desenvolvimento econômico de Gana. Daí, da mesma forma, o empenho que deu ao desenvolvimento econômico, nos anos posteriores a 1951. Suas conquistas econômicas foram acompanhadas por fenomenal desenvolvimento nas áreas da saúde, educação, transporte e comunicações.

“ Por seus frutos os conhecereis<sup>53</sup>” . Com base nesse julgamento histórico, nem Nkrumah, tampouco o *nkrumahismo* se apresentam em má posição ou desacreditadamente. Gana tornou-se um próspero e moderno Estado: amistoso para com todos, hostil a nenhum. Gana, da mesma forma, estabeleceu sua vívida e importante identidade, mesmo nos amplos caminhos do mundo moderno. Por certo, nem todo o seu progresso advém diretamente da grandeza de Nkrumah; mas é impossível questionar ou duvidar que em grande parte a ele se deve. Sem Nkrumah, seria impossível imaginar-se a moderna Gana: talvez não existisse de todo. Se houve um dia um verdadeiro homem de Estado na África do oeste, neste século, este homem foi Kwame Nkrumah: grande e visível,

---

<sup>53</sup> - Novamente, Mateus 7:16 Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?

em qualquer aspecto, e à partir de qualquer ângulo do espectro político e cultural.

Uma vez que Nkrumah, o homem, se foi, a lenda mantém-se, talvez, mais forte do que nunca. E o *nkrumahismo* deverá, e irá, receber a necessária e precisa formulação em termos de ideologia: os princípios sobreviverão, sem diminuição de sua força ou de seu brilho, com o desaparecimento do homem que os enunciou. Mesmo que o *nkrumahismo* perdesse sua relevância e aceitabilidade em relação a Gana, continuaria a ter significado e importância, quanto aos seus compromissos internacionais e seu empenho em favor do futuro de todas as raças negras da África e de outras partes.

Estas são, assim, as mais ilimitadas implicações de Nkrumah, o homem e sua mensagem, a realidade e a lenda. Apesar de seu eclipse político, com o golpe de 1966, sua história, seu legado, devem continuar sendo muito memoráveis, em relação ao futuro da África negra, e, em verdade, para o mundo, como um todo.

Como o homem em si, no clímax de sua influência e poder, a ideologia do *nkrumahismo* ainda demonstra hoje poder e vitalidade. Está muito longe de se considerar morta ou moribunda. Espalha-se pela África e além. E é uma força para se reconhecer, presentes os fatos de hoje, como naqueles já empoeirados anais do embora recente passado africano.

## 9 REMINISCÊNCIAS

Após o golpe de 1966, toda a sorte de fatos ocorreram. As novas disposições, como prioridade máxima, procuravam obliterar toda a forma de simbolismo que enaltecesse Nkrumah ou o seu governo: nomes de ruas, instituições, praças e edifícios públicos trocaram de nome; livros de história ou outros que dessem ênfase a seu nome foram proibidos.

Um alto funcionário policial, que esteve envolvido no golpe que culminou com a queda de Nkrumah, numa conferência aos policiais enfatizou que as operações não estariam completas até que ele fosse preso e trazido para Gana, para ser julgado por seus erros. Na mesma época, o presidente Tubman<sup>54</sup>, da Libéria, foi convidado a visitar Gana, assistir o que ocorria no país e testemunhar os resultados do golpe. Ele efetivamente compareceu e ficou hospedado, com grande pompa, no Ambassador Hotel, em Acra. Mas sua permanência foi breve e ele mostrou-se bastante cauteloso em seu aplauso.

Assim, Gana estava com novos mandamentos. O primeiro ano passou demonstrando nada de mais significativo. Quietos, o povo assistia, projeto após projeto ser abandonado ou vendido. Mesmo o antigo mausoléu do pai de Nkrumah foi destruído, o mesmo ocorrendo com outras lembranças do tempo anterior.

---

54

William Vacanarat Shadrach Tubman, presidiu a Libéria entre 1944 e 1971.

Durante o segundo ano do *National Liberation Council* — (NLC<sup>55</sup>), o favoritismo começou a crescer e, então, o povo pode entender a quem, realmente, o golpe iria favorecer. Começava-se a ouvir o murmúrio surdo. Mas, ungido por forte poder, o NLC seguia seus passos. A moeda, gradualmente, começou a ser desvalorizada até chegar a cinco *shillings*, após uma estabilidade de dez *shillings*.

Sentia-se falta de controle. Um avião da Ghana Airways<sup>56</sup> foi totalmente perdido, bombardeado no aeroporto de Beirute por um comando israelita. E o seguro era inexpressivo.

Muitos novos oficiais abandonaram o país. Sentia-se um tratamento preferencial às comunidades pertencentes aos membros da NLC, enquanto as demais eram negligenciadas. Quando, finalmente, uma nova Constituição foi editada, virtualmente colocou fora da lei a maioria dos integrantes do CPP. Com muito esforço de imaginação, as eleições seguintes receberam o rótulo de democráticas.

Na economia, também os administradores falharam nas metas a serem alcançadas. Os preços subiram, sentiu-se escassez de gêneros e produtos; os serviços gratuitos médicos e educação foram seriamente afetados. O índice de desemprego subiu. As diferenças entre ricos e pobres aumentaram e o tribalismo voltou a ganhar proporções, em detrimento da unidade de Gana, abalando em verdade um dos pontos mais importantes da luta de Nkrumah.

---

<sup>55</sup> Concelho Nacional de Libertação.

<sup>56</sup> - Empresa estatal de transporte aéreo.

Em plena luz do dia ocorriam assaltos ou roubos às propriedades. Automóveis eram atacados nas estradas e seus ocupantes despojados ou feridos. Muitos jovens, meninos e meninas, começaram a adquirir maus hábitos, por consequência do desemprego. A era de Nkrumah parecia tão afastada e guardava a imagem de um tempo de promessa e prosperidade.

A fé em Nkrumah revivia, especialmente nas áreas rurais. Quando ela voltará? Era uma pergunta que se ouvia em consequência, mesmo que na clandestinidade. A reputação de Nkrumah estava a ponto de emergir, límpida e brilhante, por sobre os erros dos homens do golpe de 1966. Logo , mesmo em público , apareceram defensores de Nkrumah. Seu desejado retorno era abertamente debatido, nos ônibus, tens, táxis, caminhões ou bares.

Na educação também, o prestígio de Nkrumah revivia e consolidava. Entre os jovens, em verdade, sua imagem não sofrera nunca qualquer arranhão.

A esperança se tornava ampla de que Nkrumah retornaria a Gana, a fim de dar prosseguimento ao seu benéfico trabalho, interrompido em 1966.

Foi exatamente neste momento que um jornal nacional, reproduzindo informe oriundo de Serra Leoa, noticiou que Nkrumah estava doente. Inicialmente todas as notícias desse tipo eram consideradas como propaganda anti-Nkrumah.

Os grandes interesses criados em Gana pelo NLC, natural e inevitavelmente sofreriam consequências tais que abalariam seus privilégios e riqueza, se Nkrumah voltasse ao país.

Não obstante, as notícias da doença de Nkrumah se espalharam rapidamente e



sentia-se no povo profunda tristeza. E não havia meios de realmente averiguar a procedência das informações. Então foi confirmado que, sentindo-se doente, Nkrumah havia solicitado permissão para retornar a seu país. A solicitação foi recusada pelo regime de Busia. Definitivamente, não desejavam a sua volta.

Foi quando um dos ajudantes de Nkrumah retornou a Gana, trazendo notícias de que, em verdade, ele estava muito doente numa clínica em Bucareste. Apesar de tudo, Nkrumah desejava voltar. O povo manifestava-se em sua maioria para que lhe fosse permitido o retorno, pois sabiam que, com seus remédios vegetais, assegurariam a cura ao doente. Seu pai vivera mais do que setenta anos, e sua mãe, na época, estava com noventa anos ou mais. A missão de Nkrumah para a África e Gana ainda não havia terminado.

Então, foram conhecidas as dramáticas notícias, no dia 27 de abril de 1972: o presidente Sekou Toure, da Guiné, anunciou pela Rádio de Conacri que Nkrumah havia morrido em Bucareste. Mais tarde, o informe foi confirmado pela Rádio de Gana.

O país, em todos os recantos, recebeu a notícia com grandes demonstrações de pesar. Rapidamente, foram feitos preparativos pelos membros do NLC, para que o corpo fosse enviado de volta para os funerais em Gana.

"O homem propõe, mas Deus dispõe". Assim, foi com Kwame Nkrumah: a morte pôs-se no meio, não permitindo que a obra iniciada fosse culminada com o retorno, como uma força revivida, após o exílio de 1966. O homem por quem o povo de Gana esperara, foi-se para sempre; e apenas sua saga, sua memória, poderão remanescer como modelo e, talvez, com uma força muito maior do que qualquer retorno pudesse significar.

O corpo de Nkrumah, finalmente, chegou na Base Militar de Acra, na tarde do dia 7 de julho. No sábado, 8 de julho, seria o dia do funeral — um ato cuidadosamente preparado. Muitos, dentre os do povo, custavam a crer que, no caixão, estivesse o corpo do grande Nkrumah, naquele momento a se deslocar, guarnecido por canhões, em direção ao Palácio do Governo..

Membros do National Redemption Council<sup>57</sup> — NRC, tendo à frente o coronel Acheampong<sup>58</sup>, foram os primeiros a render tributo à memória de Kwame Nkrumah, seguidos pela senhora Fathia Nkrumah, parentes e diplomatas. Então, a grande multidão — milhares de ganenses e simpatizantes do exterior desfilaram em frente ao esquife, prestando respeitos ao morto.

Nas proximidades do Palácio do Governo, os tambores falantes narravam a saga dos antigos, e da obra de estadista de Nkrumah, fazendo com que seus admiradores e desafetos derramassem suas lágrimas. O rancor e o ódio pareciam haver, por certo tempo, arrefecido. Não ocorreu um único incidente, para manchar o esplendor da manifestação. Às cinco horas da tarde, quando, no Palácio, encerravam-se as homenagens ainda havia muita gente prestando seu derradeiro respeito ao líder que não viam desde 1966. Houve os que, desejando ter ainda uma última visão de Nkrumah, viajaram mais de trezentos quilômetros, até Nkroful, local onde o corpo iria chegar, trazido por um helicóptero, às dez horas da manhã de domingo.

---

<sup>57</sup> - Concelho de Redenção Nacional.

<sup>58</sup> - Ignatius Kutu Achempong, chefe-de-Estado, por golpe, viria ele mesmo a ser fuzilado

O a manhã de sábado em Nkroful estava nublada com chuvisco intermitente. A pequena cidade havia sido limpa e preparada para a ocasião. O tráfico fora ordenado com rigor, mas multidões postava-se em torno à casa da anciã, mãe de Nkrumah. Aqui e acolá podiam-se ouvir os sons dos atabaques. Então, surgiu no céu o helicóptero que dirigiu-se a um ponto de pouso na Escola Agrícola Secundária de Nkroful. O Exército estava já a postos e seus soldados ombream o caixão depositando-o a seguir sobre um carro de guerra. Milhares de pessoas observavam.

O caixão foi então conduzido à casa do Chefe<sup>59</sup>, tendo o bispo da diocese de Sekondi-Takoradi conduzido ecumênicos serviços fúnebres. o bispo da diocese de Sekondi Takoradi. Após isto, com grande reverência e pleno silêncio, o corpo foi levado para a cerimônia de enterro, num local bem próximo onde, em 21 de setembro de 1909, Nkrumah havia nascido.

Assim, a roda da vida e da morte havia completado seu ciclo, e Nkrumah retornava à terra de seus ancestrais, de onde saíra, antes de seus grandes empreendimentos na História da África, e para a nacionalidade de Gana. "Terra a terra; cinza a cinza; do pó ao pó"; — sim, mas não sem que antes Nkrumah houvesse gravado sua duradoura marca, e mantivesse sua frutuosa confiança com o tempo e com o destino.

Carpideiras, neste último momento, com vestes vermelhas, misturavam-se ao barro vermelho, caminhando descalças. Era como se um imponente carvalho houvesse tombado,

---

alguns anos adiante, noutro movimento subversivo.

<sup>59</sup> - Autoridade tradicional, regional.

causando, por isto, grande estrondo. Nkrumah, como Lincoln, pertencia, enfim, aos séculos. Mas, se o homem morrera, a lenda permaneceria, e tornar-se-ia cada vez mais forte.

É a história do pequeno menino de Nkroful, que cresceu em Half Assini, que estudou em Achimota, e aí recebeu a inspiração do Dr. Aggrey e que passou pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha, antes de incumbir-se de sua suprema missão, ou seja, libertar sua terra nativa e, em assim fazendo, oferecer um forte e luminoso exemplo para todos os demais países da África negra. Apesar de todos os dissabores, é certo que a vida de Nkrumah não foi em vão. Gana, como ele a criou, haverá de sobreviver e prosperar. Mais que tudo, a lenda de Nkrumah não poderá ser extinta, pelo simples fato de que não repousa sobre uma estrutura material ou poder físico. Sobreviverá, em verdade, nos corações e mentes de todos os que se lembrarem ou lerem a seu respeito e, mais, poderá ser alimentada com um criativo e clarividente fator, guiando o futuro emergente de Gana, nas mensagens de livros como o presente.

Nkrumah está morto: longa vida para Nkrumah. Não se trata nem de um fútil, nem de um falso desejo. Nkrumah cumpriu com seu destino. Ele demonstrou ser um grande estadista, bem como um incisivo e determinado líder, apreciado em toda a África e, provavelmente, neste contexto, será superado.